

José Gabriel Oliveira Guarnieri

**O CHAMADO DO SER HUMANO À FRATERNIDADE COMO
FRUTO DA EUCARISTIA, À LUZ DO MAGISTÉRIO DO PAPA
FRANCISCO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Vitor Galdino
Feller

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC.

Guarnieri, José Gabriel Oliveira

O chamado do ser humano à fraternidade como fruto da Eucaristia, à luz do magistério do papa Francisco / José Gabriel Oliveira Guarnieri; Orientador: Dr. Vitor Galdino Feller; Florianópolis, SC, 2023.

71 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Eucaristia 2. Fraternidade 3. Papa Francisco 4. Magistério. II. Título.



FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC)
Recredenciada pela Portaria Ministerial n. 205, de 03/02/2017 (DOU n. 26.06/02/2017, p.23)
Rua: Deputado Antônio Edu Vieira, 1524 - Caixa Postal nº 5041 - Bairro: Pantanal.88040-245 - Florianópolis (SC) - Brasil -
CNPJ nº 82 898 891/0005-33

José Gabriel Oliveira Guarnieri

O chamado do ser humano à fraternidade como fruto da eucaristia, à luz do magistério do Papa Francisco

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 09 de agosto de 2023.

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vitor Galvão Feller
Faculdade Católica de Santa Catarina Orientador(a)

Prof. Dr. Domingos Nandi
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador(a)

Prof. Dr. Valter Goedert
Faculdade Católica de Santa Catarina Avaliador (a)

Aos católicos, àqueles que não podem comungar por diversas circunstâncias – em especial aos casais em nova união e aos que estão em terra de missão – aos cristãos e a todos os homens e mulheres de boa vontade, que lutam por um mundo digno e fraterno.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, que me chamou à vida e me permitiu fazer parte do seu povo eleito, resgatado por Jesus Cristo e ungido pelo Espírito Santo.

Ao Santo Padre, o papa Francisco, que guia o rebanho do Senhor com autêntico testemunho evangélico, mostrando que a comunhão é o rosto visível de Deus.

Aos meus familiares, em especial a meu pai, Valdecir, e minha mãe, Ronilce, que apresentaram-me Jesus Cristo, educaram-me na fé, conduziram-me aos sacramentos e me ensinaram o valor da caridade cristã.

Às comunidades de pastoral por onde passei, que evidenciaram o valor da comunhão e da unidade eclesial à luz da Eucaristia.

Ao padre Vandanam Raju Koppula, missionário do PIME, falecido durante a pandemia, que no dia do meu aniversário ministrou-me a Eucaristia pela primeira vez.

Aos falecidos por conta das guerras e do COVID-19, que mesmo na dor e no isolamento contaram com a oração comunal da Igreja.

À Arquidiocese de Florianópolis, por me acolher com afeto maternal e acompanhar meu processo vocacional nestes anos, rumo ao ministério ordenado.

Ao Arcebispo Metropolitano e aos meus formadores da etapa Propedêutica, do Discipulado e da Configuração, com os quais tive a alegria de partilhar alegrias, dores, luto e evoluções. Sou agradecido por, todos os dias, celebrarem a Eucaristia.

Aos meus benfeitores, à paróquia São Judas Tadeu e à comunidade Santa Luzia, que são sinais providentes de Deus em minha vocação e me confiam ao Senhor da Messe.

Aos meus amigos e colegas de seminário, que me sustentaram e apresentaram, nestes anos, o rosto fraterno de um irmão.

A todos aqueles que se disponibilizaram e me auxiliaram na construção deste trabalho, colaborando com seus dons.

Ao meu orientador, padre Vitor Galdino Feller, que acreditou na realização desta pesquisa e se dedicou em acompanhar-me.

Muito obrigado!

Olhai com bondade a oferenda da vossa Igreja, reconhecei o sacrifício que nos reconcilia convosco e concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito.

(Oração Eucarística III)

RESUMO

A pesquisa busca compreender o chamado do ser humano à fraternidade como fruto da Eucaristia, à luz do magistério do papa Francisco. No primeiro capítulo, a fraternidade é apresentada como um chamado intrínseco da pessoa que, ferida pelo pecado, em sua relação com Deus e com os irmãos, é reconciliada em Jesus Cristo. No segundo, a Eucaristia é apresentada como dom que gera a comunhão e a fraternidade, sendo um sacramento sublime oferecido por Jesus para reconciliar o céu e a terra. O último capítulo, por fim, explora a Eucaristia como fonte excelsa de fraternidade, com base no magistério do papa Francisco. A metodologia utilizada é de base bibliográfica, destacando a Sagrada Escritura, os documentos da Igreja e o magistério do atual pontífice, além de pesquisas de comentadores e estudiosos sobre a fraternidade e a Eucaristia. Esta pesquisa contribuirá para a promoção do bem comum, lembrando à sociedade e especialmente aos católicos o chamado de Deus para a comunhão e a unidade.

Palavras-chave: 1. Eucaristia. 2. Fraternidade. 3. Papa Francisco.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor: Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios

2Cor: Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios

At: Livro dos Atos dos Apóstolos

DAP: Documento de Aparecida

DDs: *Desiderio desideravi*

DH: Denzinger Henrich

DQ: Didaqué

EE: *Ecclesia de Eucharistia*

Ef: Carta de São Paulo aos Efésios

EG: *Evangelii Gaudium*

EV: *Evangelium Vitae*

FT: *Fratelli Tutti*

Gl: Carta de São Paulo aos Gálatas

Gn: Livro do Gênesis

GS: *Gaudium et Spes*

Jo: Evangelho Segundo São João

Lc: Evangelho Segundo São Lucas

LG: *Lumen Gentium*

LS: *Laudato Si'*

MF: *Mysterium Fidei*

MND: *Mane nobiscum Domine*

Mt: Evangelho Segundo São Mateus

RH: *Redemptor Hominis*

Rm: Carta de São Paulo aos Romanos

SC: *Sacramentum Caritatis*

SRS: *Sollicitudo rei socialis*

SSC: *Sacrosanctum Concilium*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 FRATERNIDADE HUMANA: A CONVERSÃO DO INDIVÍDUO À PESSOA	21
1.1 O SER HUMANO: NÓ DE RELAÇÕES.....	21
1.2 O SER HUMANO É PESSOA	24
1.2.1 O ser humano como pessoa em sua imanência	25
1.2.2 O ser humano como pessoa em sua transcendência	27
1.2.2.1 Abertura a Deus.....	27
1.2.2.2 Abertura aos outros	28
1.2.2.3 Abertura ao mundo.....	30
1.3 <i>EIS O HOMEM</i> : O RESGATE DA PESSOA HUMANA, EM JESUS CRISTO, VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM.....	31
1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	34
2 A EUCARISTIA: DOM SALVÍFICO	35
2.1 MISTÉRIO ENCARNADO	35
2.2 AS DIMENSÕES DA EUCARISTIA.....	36
2.2.1 Sacramento de Sacrifício	36
2.2.2 Sacramento de Presença	38
2.2.2.1 Crítica ortodoxa ao Ocidente	41
2.2.2.2 O incentivo à devoção e à adoração no Ocidente	42
2.2.3 Sacramento de Comunhão	44
2.3 A IGREJA CELEBRA A EUCARISTIA	46
2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	48
3 EUCARISTIA E FRATERNIDADE: O CHAMADO À UNIDADE	49
3.1 O CHAMADO APOSTÓLICO À UNIDADE.....	49
3.2 DE PEDRO A FRANCISCO: MANTER A FRATERNIDADE	51
3.3 EUCARISTIA COMO FONTE DA FRATERNIDADE	54
3.4 TESTEMUNHAS DO BEM: SINAIS EUCARÍSTICOS NO MUNDO.....	58
3.4.1 Chiara Lubich	59
3.4.2 Cardeal Van Thuan	60
3.4.3 Beato Carlo Acutis	61
3.4.4 Virgem Maria	62
3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO.....	63
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Caminhos de indiferenças, corridas individuais pelo sucesso e a violência contra o homem e a natureza tornam-se cada vez mais presentes na sociedade contemporânea. A Igreja, como mãe e mestra, busca apontar caminhos seguros e claros à humanidade e, principalmente, aos crentes. Deste modo, os últimos papas buscaram, através de seus magistérios, exortar ao mundo à uma profunda conversão. Destaca-se, principalmente, Francisco, o atual pontífice que, em seu pontificado, busca apresentar à Igreja a Eucaristia como fonte de fraternidade.

Assim sendo, o presente trabalho se debruçará sobre o tema da fraternidade como fruto da Eucaristia à luz do magistério do papa Francisco, buscando, fundamentalmente, responder ao problema de como a fraternidade, num mundo fragmentado e imerso numa crise comunitária, pode ser restaurada à luz do augusto Sacramento.

Nesse sentido, peregrinos de uma mesma estrada, os homens são chamados a agir como sujeitos de relações, agentes de comunhão e promotores da unidade. Destaca-se, desde as origens, que por vontade de Deus, não era bom que estivesse só, isto é, do primeiro casal surge o modelo de fraternidade. Compreende-se, assim, que cada um encontra, na intersubjetividade, a graça da realização como pessoa.

A fraternidade é um princípio essencial para a sobrevivência humana e está enraizada na natureza do ser humano. Reconhecendo-se como um ser comunitário, o indivíduo é convocado a desenvolver conexões relacionais de várias maneiras. Assim, a fraternidade não deve ser meramente vista como um conceito, mas, sim como um princípio ativo e impulsionador do comportamento e das ações dos seres humanos.

Quando o homem reconhece seu valor de pessoa, passa do ser individual para o pessoal, isto é, compreende que necessita de vida fraterna, com o outro, e filial, com o próprio Senhor que nos faz filhos seus. Se o sujeito quiser passar do nível de indivíduo à pessoa, precisa, antes de tudo, reconhecer que necessita estabelecer laços intersubjetivos. O novo existir é o morrer para o egoísmo e o nascer para uma vida agápica, de existência pessoal e de comunhão. A fraternidade tende a ser, portanto, a realização do anseio do Criador de que a humanidade viva como uma só família, encontrando nas diferenças alheias aquilo que há de comum em cada um: a filiação divina, incorporada à filiação de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O primeiro capítulo deste trabalho possui como objetivo principal apresentar o ser humano como ser de relações, chamado a se reconhecer filho de Deus e vocacionado à fraternidade.

Foi na vida de Jesus Cristo, o Filho amado do Pai, que a humanidade presenciou a verdadeira oferta, total e agápica, do Senhor que revelou ao mundo que o amor e a redenção são dados, sem paga, como dom à humanidade. Antes da consumação na cruz, Jesus se deu em alimento, na última ceia com seus amigos, na Eucaristia, a fim de perpetuar a sua presença e agir efetivamente como sinal, vínculo e união fraterna entre os homens e mulheres. É, portanto, desejo do Divino Mestre que toda a humanidade seja reconciliada, pois perdoada e ciente de que foi amada, é capaz, conseqüentemente, de doar-se e promover comunhão, a exemplo da escola eucarística.

A prática da memória é realizada por aqueles que amam e mantêm viva a imagem de algo ou alguém. Antes de completar seu ato redentor, Jesus Cristo decidiu permanecer presente no pão e no vinho. Durante uma ceia, ele instruiu seus discípulos a realizar o mesmo mistério, dizendo-lhes para fazerem aquilo em memória dele.

A Eucaristia, portanto, mantém viva a fé, a comunhão e a vida da Igreja. É o alimento espiritual que nutre os fiéis e fortalece os peregrinos em sua jornada até a pátria eterna. É a presença viva do Cristo ressuscitado na Igreja, que manifesta plenamente o Seu amor.

Segundo São João Paulo II, a Eucaristia é sacramento de sacrifício, de comunhão e de presença. Nesse contexto, o segundo capítulo focará a dimensão da comunhão, a fraternidade, que é fruto e promoção de tão sublime sacramento. Recordar-se, portanto, que o Senhor Jesus faz da Eucaristia uma didática que ensina aos homens e mulheres a possibilidade de restaurar o mundo ferido pela divisão e pelas armadilhas do individualismo. Quando fracionado, o alimento sagrado e verdadeiro não é perdido, mas sim multiplicado, saciando a fome e ensinando a compartilhar a mesma refeição de forma comunal.

A humanidade tem sido afetada por uma crise de relacionamentos desde os primeiros atos de desobediência e violência. O homem foi ferido pelo mal e essa divisão, tanto em relação a Deus quanto aos outros, impede uma visão conjunta do problema da divisão. A incapacidade da sociedade fragmentada de estabelecer laços e compromissos comunitários gera frustração, medo, depressão, soberba, suicídio e outros males que têm causado caos e guerras, tanto pessoais quanto globais. Esses são sinais de uma verdadeira degradação social e de ruptura silenciosa dos laços de integração e comunhão social, presentes ao longo da história da humanidade e ainda mais comuns no século XXI.

O homem contemporâneo deve combater não os outros, mas o mal que corrompe suas ações. Com o pecado no Éden, a humanidade prejudicou sua relação com Deus, e com o assassinato de Abel, prejudicou

sua relação com o próximo. No entanto, Deus, em sua generosidade magnânima, não permanece indiferente diante das urgências do mundo.

Ao examinar o panorama atual da sociedade, especialmente em termos de relacionamentos e comunidade, são evidentes os desafios que colocam a fraternidade à prova. Conflitos bélicos, injustiças sociais, problemas de saúde global, busca pelo poder e outros males continuam a assolar o mundo, especialmente os mais vulneráveis.

A cultura do encontro, da proximidade e do amor que supera todas as diferenças pode ser a resposta para o problema antropológico enfrentado pelo homem do século XXI. Nesse sentido o atual pontífice, o papa Francisco, insiste que a cultura contemporânea tem a necessidade de encontrar meios para resolver esse problema e a teologia hodierna não pode ficar de braços cruzados; ao contrário, precisa abri-los, tal e qual o Cristo fez na ceia e na cruz.

O terceiro capítulo, por fim, tem como objetivo principal demonstrar a relação intrínseca que existe entre a fraternidade humana e a Eucaristia, tendo em vista que, apesar do pecado, a vontade de Deus é que os laços reestabeleçam-se e que todos sejam atraídos pela Páscoa de Cristo, presente na Eucaristia.

A metodologia utilizada no presente trabalho é de base bibliográfica, destacando a Sagrada Escritura, os documentos da Igreja e o magistério do atual pontífice, além de pesquisas de comentadores e estudiosos sobre a fraternidade e a Eucaristia. Este trabalho contribuirá para a promoção do bem comum, recordando à sociedade e especialmente aos católicos o chamado de Deus para a comunhão e a fraternidade, sinais visíveis da Santíssima Trindade, aos quais a humanidade é chamada a participar como uma só família.

1 FRATERNIDADE HUMANA: A CONVERSÃO DO INDIVÍDUO À PESSOA

O princípio da fraternidade, natural ao homem, é quesito para a sua própria sobrevivência. Tendo consciência de ser um sujeito comunitário, o ser humano é chamado a estabelecer laços relacionais de diferentes modos. Assim sendo, a fraternidade, como afirma Marco Aquini, não pode ser apresentada apenas como conceito, mas como “princípio ativo, motor do comportamento, da ação dos homens”.¹ A fraternidade é, portanto, a realização do anseio do Criador de que a humanidade viva como uma só família, encontrando nas diferenças alheias aquilo que há de comum em cada um: a filiação divina, incorporada à filiação de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

1.1 O SER HUMANO: NÓ DE RELAÇÕES

A humanidade do século XXI vive num período turbulento de uma crise comunitária cada vez mais fragmentada. Olhar para fora, para o mundo, para as famílias e para as cidades é o bastante para compreender o motivo do rompimento dos laços de fraternidade. O pecado do individualismo, que rompe com o estímulo e com a vivência fraterna da humanidade, age de modo sutil, mas, ao mesmo tempo, com voracidade e rapidez. É o que recorda, por exemplo, o papa Francisco, ao exortar que: “fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos”.² O isolamento não é próprio da natureza humana.

É por isso que o ser humano pode ser analisado de muitos modos, mas especialmente pelo seu principal caráter antropológico: o de não ter sido criado para estar só. Se a revelação do Pai se dá ao homem, por meio de Jesus Cristo, fica claro que toda a humanidade é receptora desse querer benevolente de Deus. Assim, a revelação do Pai, de modo completo e pleno, em Jesus, aponta-nos a certeza de podermos ser chamados filhos de Deus.³ Isso significa que, como uma grande família, os homens e as

¹ MARCO AQUINI. Fraternidade e direitos humanos. In: BAGGIO, Antonio Maria (Org.). **O princípio esquecido**: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas. Trad. Durval Cordas, Iolanda Gaspar e José M. de Almeida. São Paulo: Cidade Nova, 2008. p. 127-151. p. cit. 133.

² FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Brasília: CNBB, 2013. p. 58; EG 87.

³ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Rm 8,16.

mulheres são chamados a viverem como irmãos. Deste modo, afirma Ladaria:

A dimensão mais própria e específica da antropologia teológica é a que se refere à relação de amor e de paternidade que Deus quer estabelecer com todos os homens em Jesus Cristo, seu Filho, [...] que manifesta o homem ao homem na revelação do mistério do Pai e de seu amor. "Pela graça", por um favor divino, o homem foi chamado à filiação divina, a participar, no Espírito Santo, dessa relação que é própria somente de Jesus. Esta é a vocação definitiva e última do homem e de cada homem, a vocação divina (GS 22, 5). Somos amados por Deus em seu Filho e somos chamados a participar plenamente de sua vida no fim dos tempos.⁴

A essa relação que chamamos de transcendental, ou seja, entre Deus e o homem, relaciona-se, também, a intersubjetiva: a relação do homem com o outro. Já no Antigo Testamento, Deus manifestou o seu próprio desejo: não era bom que o homem estivesse só, no jardim.⁵ Com efeito, o Criador deu-lhe uma mulher, a quem Adão desposou e chamou de Eva, aquela que foi tirada de seu lado.

Contudo, por mais que exercessem o papel conjugal, os primeiros viventes também manifestaram o primeiro papel fraternal. Assim, de Adão e Eva, descenderam todas as gentes chamadas a viverem em concórdia, em comunhão com Deus e desfrutando dos bens oferecidos por ele.⁶ Apesar da beleza de Deus e da sua criação, os primeiros pais da humanidade foram ingratos à vontade do Criador, quando não ouvindo a sua ordem, pecaram pela desobediência, comendo do fruto proibido.⁷ Considera-se, portanto, que quando a relação com Deus – a transcendental – é ferida, todas as demais também o são. Adão e Eva, assim, inauguram a cena do pecado e abrem as portas para as suas consequências.

Sendo o homem um nó de relações, a mácula do pecado contra Deus desencadeou no ser humano uma série de dramas na relação com o

⁴ LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. 4. ed. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 2010. p. 13.

⁵ Gn 3,18.

⁶ Gn 3,20.

⁷ Gn 3,11.

outro. Conseqüentemente, não foi diferente quando a relação fraternal – intersubjetiva – conheceu seus primeiros obstáculos, ao se deparar, por exemplo, com o primeiro fratricídio, em que levado pela inveja, Caim matou Abel, seu irmão.⁸

O ato despertado por Caim mostra, no desenrolar da história da humanidade, a grande ferida presente nas relações humanas, que ainda arde nos tempos hodiernos. Por isso, a teologia não pode e nem deve agir com irrelevância sobre o tema da fraternidade. O estado em que habitualmente o mundo encontra-se, clama, de modo intenso, por uma realidade que precisa ser enfrentada: a restauração e a busca pela fraternidade.

O homem, antes de tudo, neste diálogo intersubjetivo e personalista, precisa crer que:

Não pode ser compreendido isoladamente, mas somente em relação a algo ou a alguém diferente. Uma dimensão personalista se diferencia de uma dimensão individualista. [...] A primeira, como distinção da segunda, compreende aquilo que podemos denominar de *hipostização* e *catolicidade*. Estas palavras assumem um caráter técnico na teologia, mas podem facilmente ser traduzidas numa linguagem não teológica. Uma *hypostasis* é uma identidade que incorpora e exprime em si a totalidade da natureza.⁹

Isso significa que, desde o início do projeto salvífico de Deus, o Senhor criou a humanidade não como seres isolados ou individuais, mas como partícipes de uma comunidade. É por isso que o Criador manifesta seu desejo de pertença e aliança ao referir-se à humanidade como seu povo. Cada ser humano é único, mas jamais compreendido como ser solitário e desamparado por Deus. Por isso, ao mesmo tempo que é único, o homem participa e encontra a sua identidade na relação.¹⁰ Um exemplo:

⁸ Gn 4,8.

⁹ ZIZIOULAS, Ioannis. **A criação como eucaristia**: proposta teológica ao problema da ecologia. Trad. José A. Besen. São Paulo: Mundo e Missão, 2001. p. 72-73.

¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes***. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 41; GS 32.

Matar alguém pode ser visto como um crime contra a totalidade da natureza humana, enquanto que, de fato, é somente um crime contra um indivíduo particular. Neste caso se poderia objetar que o delito poderia ser mais *racionalmente* e, talvez mais eficazmente, evitado numa sociedade que não se apela à racionalidade dos "direitos do indivíduo", mas que vê em cada ser uma *hypostasis* da totalidade na natureza humana. A aproximação personalista torna todo ser único e irrepitível, enquanto que a individualista o reduz a um número nas estatísticas.¹¹

Zizioulas, ao citar o referido exemplo, deseja explicitar que a compreensão de ser humano deve superar a visão universal do homem apenas como um indivíduo, uma partícula isolada e racional. O homem é pessoa, é um todo e, portanto, um nó de relações com o mundo que o cerca. Toda a catolicidade, isto é, todo o universo participa e colabora para a natureza da pessoa e vice-versa.

Faz-se necessário, portanto, a consciência de que, a sós, o homem não se reconhecerá plenamente como pessoa. Isso porque precisa do rosto daquele que é diferente de si para comungar da noção de que é único, não reduzido apenas como número ou sujeito estático, mas elevado à consciência de ser autêntico, original e integrador de uma realidade pluriforme. Por isso, o homem, quando reconhece Deus e os outros, percebe que é único e irrepitível e, quando aberto a essa comunhão, torna-se pessoa. Esta é a grande problemática que envolve a humanidade atual: o homem perceber que necessita do intercâmbio de dons com os outros e com Deus; num reconhecimento de si como pessoa e habitante de uma tribo comum: a raça humana, amada, eleita e adotada por Deus.¹²

1.2 O SER HUMANO É PESSOA

Ao relacionar-se com Deus, o homem é capaz de colher os autênticos frutos da sua autêntica natureza: ser pessoa. É somente em Deus que o sujeito encontra o sentido da sua existência, o conhecimento de sua origem e o destino do seu fim. No Criador, contudo, o ser humano não vive em passividade, como que um fantoche nas mãos de um

¹¹ ZIZIOULAS, 2001, p. 72-73.

¹² FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020. p. 65; FT 120.

animador. Pelo contrário, Deus deseja ardentemente que o homem seja livre e, participando da liberdade, corresponda ao chamado que lhe faz o Senhor: ser colaborador, interlocutor e parceiro seu.¹³

1.2.1 O ser humano como pessoa em sua imanência

Algumas dimensões caracterizam o ser humano como pessoa. A autopoissão, por exemplo, recorda ao sujeito a sua idoneidade em nível ôntico, isto é, é incomunicável no sentido de que não é propriedade de terceiros. Tudo o que rompe com a liberdade do sujeito, fere diretamente a pessoa. Por isso, liberdade e responsabilidade são termos também fundamentais.¹⁴

A pessoa é capaz de fazer escolhas, optar pelo bem e pelo mal e, conseqüentemente, sofrer as conseqüências de tal decisão. Deste modo, ao optar por ser livre, a responsabilidade é de fundamental caráter pessoal. Em contrapartida, é válido recordar que todo tipo de manipulação ou coação da pessoa, contribui para a sua desumanização.¹⁵ A liberdade oferecida por Cristo é ofertada como dom renovado, protegido e incentivado a ser aderido.¹⁶

A liberdade é dom e graça de Deus ao homem:

Quantas pessoas que não estudaram, nem sequer sabem ler nem escrever, mas compreenderam bem a mensagem de Cristo, têm esta sabedoria que as liberta. É a sabedoria de Cristo que entrou através do Espírito Santo no batismo. Quantas pessoas encontramos que vivem a vida de Cristo mais do que os grandes teólogos, por exemplo, oferecendo um testemunho precioso da liberdade do Evangelho. A liberdade torna-nos livres na medida em que transforma a vida de uma pessoa e a encaminha para o bem. Para sermos verdadeiramente livres, precisamos não só de nos conhecer a nós mesmos, a nível psicológico, mas sobretudo de sermos nós mesmos verdade, a um nível mais profundo. E ali, no coração, abrimo-nos

¹³ RUBIO, Afonso García. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e das reflexões cristãs. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001. p. 304.

¹⁴ RUBIO, 2001, p. 308.

¹⁵ RUBIO, 2001, p. 308.

¹⁶ Gl 5,5.

à graça de Cristo. [...] A liberdade é ativa, suscitada pela graça do Espírito Santo.¹⁷

A liberdade, portanto, é uma característica ontológica da pessoa. É difícil permanecer livre, diante de tantas opções que o mundo apresenta. Contudo, a verdadeira liberdade, tendo a sua origem e fim em Deus, deve orientar o homem para o bem e conseqüentemente, deve ser vivida com sabedoria.

Outra característica da pessoa em sua imanência é a perseidade. Nela, o sujeito percebe que possui uma “qualidade que tem substância independentemente de qualquer outra coisa ou objeto”.¹⁸ Isso apresenta claramente a valorização da pessoa contra a cultura do descart e visões utilitaristas de sua identidade ou dons. A pessoa possui caráter valoroso e único. Quando passa a ser vista de modo utilitarista ou como objeto, a pessoa passa a ser considerada por aquilo que tem e não por aquilo que é. Ferindo gravemente a dignidade humana, esquece-se de que o seu fim último é Deus e que ele nela habita. É, portanto, vivendo em direção ao Deus-Ágape que a pessoa torna-se mais ela mesma, realizando a sua própria finalidade e existência.¹⁹

O eclipse do sentido de Deus e do homem conduz inevitavelmente ao materialismo prático, no qual prolifera o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo. Também aqui se manifesta a validade perene daquilo que escreve o Apóstolo: ‘Como não procuraram ter de Deus conhecimento perfeito, entregou-os Deus a um sentimento pervertido, a fim de que fizessem o que não convinha’ (Rm 1, 28). Assim os valores do ser ficam substituídos pelos do ter.²⁰

Quando o homem, portanto, prende-se ao individualismo e ao utilitarismo, deturpa em si mesmo a imagem do Criador e,

¹⁷ FRANCISCO. **Catequese sobre a carta aos Gálatas**: Cristo nos libertou. Vaticano, 06 out. 2021. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20211006_udienza-generale.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.

¹⁸ PRIBERAM. **Dicionário online de português**. Não paginado. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/perseidade>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

¹⁹ RUBIO, 2001, p. 308-309.

²⁰ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Evangelium Vitae***. São Paulo: Loyola, 1995. p. 35; EV 23.

consequentemente, a sua, já que é criado à imagem e semelhança do Senhor.

1.2.2 O ser humano como pessoa em sua transcendência

A imanência é uma dimensão fundamental do homem, mas pode ser mal compreendida. Não se trata de uma característica que torna a pessoa isolada, mas recorda que é autônoma e “dona de si”. Contudo, a realização da pessoa só se torna plena quando a mesma compreende que necessita do outro. Assim, o homem é verdadeiramente pessoa, quando se abre ao transcendente, isto é, permite-se comunicar com o mundo, com os outros e com Deus, princípio e fim da sua razão de existir.

1.2.2.1 Abertura a Deus

Criado à imagem e semelhança do Criador, o homem quando experimenta a fidelidade, o amor e a esperança, é lançado a uma relação ainda mais profunda que todas as outras já citadas, isto é, à transcendência. Isso só acontece à medida em que o ser humano compreende-se como ser existente, sujeito encarnado e participante.²¹

A abertura a Deus é, portanto, a dimensão mais fundamental e importante da pessoa. De todas as coisas físicas criadas por Deus, o homem é privilegiado por poder participar da comunicação com ele. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, Deus faz questão de dirigir-se à humanidade e estabelecer contato com as pessoas. Ora com Abraão, ora na encarnação, com Jesus de Nazaré.²²

Deus, contudo, não olha para a pessoa como mais um indivíduo, dentre tantos outros. Antes, atentamente se inclina ao homem numa relação única e exclusiva. “Assim, para a fé cristã, o homem é pessoa acima de tudo porque é capaz de responder a Deus, de dialogar com ele e de aceitar a sua proposta. Entre a pessoa humana e Deus existe uma relação única, própria, exclusiva e irrepetível”.²³

A abertura a Deus é fundamental para o homem, tendo em vista que o próprio Deus o criou por amor. Projetando para fora de si, o Criador,

²¹ JULCI S. BECKER. Gabriel Marcel e a intersubjetividade participativa na relação eu-tu. In: SILVA, Claudinei A. de Freitas (Org.). **Encarnação e transcendência**: Gabriel Marcel, 40 anos depois. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013. p. 114-125. p. cit. 115.

²² RUBIO, 2001, p. 311.

²³ RUBIO, 2001, p. 311.

na liberdade, na bondade e no amor, salva o ser humano do caos, trazendo-o à existência. A pessoa, portanto, quando reconhece e retribui a abertura de Deus, torna-se plena e compreende a grandeza da sua natureza e vocação filial.²⁴ A glória do ser humano, como pessoa, será participar da vida divina não por surpresa, mas porque vivendo a vida em Deus, ali, encontrará a sua plenitude.²⁵

Deus é o único ser capaz de satisfazer os desejos mais profundos da natureza humana. Por isso, a sede de conhecer-se e conhecer o outro só é saciada na medida em que o homem permite-se entrar em comunhão com Deus, já que é uma criatura criada na liberdade e para a liberdade. No diálogo que Deus estabelece com o homem, a criatura experimenta a amizade e a filiação do Pai. Isso só foi plenamente conhecido na experiência existencial de Jesus, o filho de Deus, que dá à humanidade a possibilidade de conhecer o rosto paterno do Criador.²⁶

1.2.2.2 Abertura aos outros

Encarnado, o ser humano é chamado a reconhecer que não apenas tem um corpo, mas ele é um corpo. Isso implica a consciência de que a encarnação é fundamental para que o homem compreenda que sua identidade está intrinsecamente ligada ao seu corpo físico, amado por Deus. Assim, o homem não se limita apenas a uma exterioridade material, como um objeto animado, mas imbuído de espírito experimenta a sua presença no mundo.²⁷

O fato de compreender a sua corporeidade permite ao ser humano a possibilidade de estabelecer relações com outras pessoas, um “tu”. A comunicação com um outro ressalta a importância antropológica do encontro do “eu” com o “tu”. O “eu”, necessariamente se realiza no encontro com o “tu”, que não é um objeto externo e alheio ao sujeito, mas um outro que permite ao ser humano completar-se como pessoa. O sair de si, portanto, para encontrar o “tu” é necessário, porque nele o homem se completa em suas valiosas dimensões, como a liberdade, a autonomia e a autofinalidade.²⁸

²⁴ RIBEIRO, Hércion. **A condição humana e a solidariedade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 76.

²⁵ RIBEIRO, 1998, p.76.

²⁶ RIBEIRO, 1998, p.80.

²⁷ RUBIO, 2001, p. 464.

²⁸ RUBIO, 2001, p. 310.

No desejo humano de ser pleno e de encontrar uma razão para fazer-se conhecer, Zilles recorda o valor da palavra existir, ao afirmar que “o prefixo *ex* de existir traduz um movimento para fora, uma tendência centrífuga”.²⁹ Logo, para que o indivíduo passe a ser pessoa, necessariamente deve sair de si mesmo, do seu individualismo e egocentrismo para lançar-se para fora, numa comunicação intersubjetiva com o outro. Por isso, para Marcel:

O eu precisa referir-se a um outro. Só me dirijo a alguém na segunda pessoa, se o considero capaz de responder-me. A existência dos outros se me dá na experiência metafísica da encarnação, uma vez que o eu não existe a não ser em relação a um tu. Por ser corpo, o homem vive relacionado, em comunhão com outros. No encontro, a presença do outro se me oferece de forma imediata. Capto não a ideia, mas a própria pessoa do outro.³⁰

Deste modo, à luz da fé, compreendemos a profundidade da sociabilidade humana. A sociedade, assim como o cristão, não pode ser compreendida sem ser em relação à comunidade. Ser pessoa, implica, portanto na coletividade do estabelecer laços, sem interesses presunçosos, mas na gratuidade do dom recíproco.

Com base nisso, em 1987, São João Paulo II escreveu uma carta encíclica chamada *Sollicitudo rei socialis*, por ocasião do vigésimo aniversário da *Populorum Progressio*. Nela, o pontífice fez questão de reforçar que a imagem do outro é muito mais do que um terceiro. O outro não é apenas mais um:

O próximo, então, não é só um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais; mas torna-se a *imagem viva* de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objeto da ação permanente do Espírito Santo. Por isso, ele deve ser amado, ainda que seja inimigo, com o mesmo amor com que o ama o Senhor; e é preciso estarmos dispostos ao

²⁹ ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1988. p. 44

³⁰ ZILLES, 1988, p. 47.

sacrifício por ele, mesmo ao sacrifício supremo:
«dar a vida pelos próprios irmãos» (cf. 1 Jo 3, 16)³¹

A solidariedade, portanto, permite um olhar mais atencioso ao outro, que não é objeto, mas parte do mistério que permite o homem ser pessoa. O próximo revela a identidade pessoal e mantém a relação fundamental e necessária para a comunidade humana.

1.2.2.3 Abertura ao mundo

Deus é a origem e o fim para quem tendem todas as coisas por ele criadas. Em seu desígnio salvífico, quis que a sua criatura, a mais perfeita de todas, fosse semelhante a ele. Assim, o homem criado à imagem de Deus, é chamado a ser guardião e integrador do mundo, isto é, das demais criaturas.

Encarnado no mundo, o homem é reconhecido como parte diferente das demais criaturas. Ele é composto por faculdades próprias, como vontade, liberdade e inteligência, que o tornam sacramento de Deus, ou seja, sinal visível do mistério de amor do Senhor para com todo o cosmo.³²

A abertura do homem ao mundo é necessária e de caráter sacerdotal. Ao observar o mundo e cosmo, “o homem encontra a responsabilidade de ser aquele que liga o mundo ao criador”.³³ Deste modo, ao ser humano não basta apenas ser um vivente passivo nesta terra, mas é preciso tomar consciência de que toda a criação é também elo de comunhão com o Criador. Assim recorda Zizioulas:

Na cosmologia cristã o mundo é percebido como contingente e não contém em si garantias de sobrevivência, a não ser que não esteja em comunhão com aquilo que não é mundo por natureza - e não com aquilo que é parte da natureza - ou seja, Deus, conforme compreendido na Bíblia. A questão crucial para a sobrevivência do mundo reside, portanto, no ato ou no evento de sua comunhão com Deus como totalmente outro com relação ao mundo. Desse modo, a responsabilidade

³¹ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 76; SRS 40.

³² RUBIO, 2001, p. 310.

³³ ZIZIOULAS, 2001, p. 23.

do homem se torna crucial para a sobrevivência da natureza.³⁴

Com abertura ao mundo, o homem abre-se e deixa-se envolver por toda a criação, tomando consciência de quem é e de que não está só. Ao comentar Gabriel Marcel, filósofo francês de grande relevância, tanto para a filosofia quanto para a teologia, Urbano Zilles afirma:

Meu corpo condiciona meu ser-no-mundo. Eu sou o existente encarnado num corpo aberto ao mundo, em comunhão permanente. Só posso afirmar minha participação, minha presença no mundo, quando resisto à tentação de considerar-me uma essência abstrata. Nossa liberdade consiste em reconhecer nossa participação no universo. Por isso não pode ser reduzida a um problema. O existencial relaciona-se ao ser encarnado. Como ser corpóreo, o homem assume um lugar no espaço e no tempo.³⁵

Compreende-se, portanto, que a consciência concreta de estar-no-mundo permite ao homem viver em harmonia com todos os seres que o rodeiam, chamando-os à comunhão e à plena realização de si. Assim, portanto, o homem é capaz de comunicar-se mais eficazmente, fazendo história e unindo suas forças às forças da criação.³⁶

1.3 *EIS O HOMEM*: O RESGATE DA PESSOA HUMANA, EM JESUS CRISTO, VERDADEIRO DEUS E VERDADEIRO HOMEM

O pecado desumanizou o homem, fazendo com que se corrompesse a imagem da bela criatura de Deus. Como já apresentado, o pecado de Adão e Eva, contra Deus, desencadeou o mal na relação com o outro: o fratricídio de Caim. Se o homem não ama a Deus, portanto, não compreenderá o verdadeiro sentido em amar o outro.³⁷ Por isso, com o pecado no jardim, a humanidade acabou por ferir a sua própria relação com Deus – filiação – e no assassinato do irmão, a sua relação com o outro – fraternidade.

³⁴ ZIZIOULAS, 2001, p. 23.

³⁵ ZILLES, 1988, p. 44.

³⁶ ZILLES, 1988, p. 45.

³⁷ Jo 13,34.

Contudo, Deus que, em sua magnânima benevolência, chamou a humanidade à vida, não fica imparcial frente às urgências do mundo. Apesar do pecado, a vontade de Deus é que os laços se reestabeleçam e a unidade retome o seu curso natural. Desse modo, a Sagrada Escritura revela que, na plenitude dos tempos:

Veio pois o Filho, enviado pelo Pai, que ainda antes da criação do mundo nos escolheu nele e nele nos predestinou à filiação adotiva, porque lhe aprouve instaurar em Cristo todas as coisas (cf. Ef 1,4-5 e 10). E Cristo, para cumprir a vontade do Pai, inaugurou na terra o reino dos céus, cujo mistério nos revelou; e pela sua obediência, consumou a redenção.³⁸

Recordando São Paulo ao afirmar que Jesus Cristo tornou-se para nós o novo Adão, toda a humanidade vê-se resgatada por aquele que, mesmo sem pecado algum, se fez pecado para justificar a raça humana.³⁹ O novo Adão, Jesus, recupera a imagem que fora corrompida pelo primeiro Adão. Ao estender os braços na cruz, o Senhor Jesus redime a humanidade e dá ao mundo o perfeito Dom do Pai: o Amor, o Espírito de Reconciliação. Cristo restituiu, portanto, a real identidade do gênero humano: filhos de Deus e irmãos uns dos outros.

Jesus Cristo é, desse modo, o verdadeiro ser humano, isto é, nele está a imagem imaculada do homem. O projeto perfeito de Deus para cada pessoa. Em Jesus está a chave para entender e contemplar o ser humano na sua mais pura vocação a que foi chamado a ser: imagem e semelhança de Deus. Assim declara o Concílio Ecumênico Vaticano II:

Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, nele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano.

³⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. 23. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 5-6; LG 3.

³⁹ 2Cor. 5,21.

Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.⁴⁰

O Filho de Deus apresenta ao mundo o rosto misericordioso e amoroso do Pai, que, apesar do pecado contra ele, não busca vingança, mas reconciliação. Mostrando que Deus age com amor e no amor, Jesus revela que Deus sempre está disposto a ir ao encontro do filho pródigo para resgatar a sua vida e dar a possibilidade de restaurar os laços fragmentados com ele e com os demais homens.⁴¹

Também pela boca de Pilatos, Jesus foi reconhecido como homem. Ao ser julgado, o governador, diante dos judeus e do povo reunido, exclamou: “*Ecce Homo*”⁴², como quem apresenta à multidão o verdadeiro rosto, pacífico, do Cristo, mesmo sem conhecê-lo. Deste modo:

Transparece assim da simples expressão *Ecce Homo* uma verdadeira teofania, revelação da transcendência desse Jesus de Nazaré, que, sendo julgado, se torna Ele próprio o Juiz de quem o julgou ou julgará até ao fim dos tempos. Nessa expressão, tão simples ao olhar desatento, o olhar da fé e da contemplação espiritual entrevê o Homem divino que dá luz e realização plena ao homem terreno.⁴³

Ainda que para Pilatos essa apresentação possa ser apenas palavras vazias e sem sentido: eis o sujeito, o indivíduo; para o evangelista João, a frase tem sentido muito mais profundo, fazendo referência ao Filho do Homem, o Homem. É como que se o evangelista, com as poucas palavras, apresentasse o verdadeiro e autêntico homem, libertador do gênero humano das garras do pecado e da morte.⁴⁴

Como visto, anteriormente, o pecado do homem que corrompeu a humanidade, ferindo a relação com Deus e com os irmãos, foi assumido

⁴⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 29; GS 22.

⁴¹ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 25; RH 9.

⁴² Jo 19,5.

⁴³ SILVA, Gil Alfredo da. *Ecce Homo*: Jo 15,5b. A expressão do homem bíblico. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014. p. 89-90. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/15435>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁴⁴ SILVA, 2014, p. 59.

pelo Filho de Deus, que faz novas todas as coisas e reestabelece todos os laços. É como recorda Melitão de Sardes: “Foi ele que tomou sobre si os sofrimentos de muitos: foi morto em Abel; amarrado de pés e mãos em Isaac; exilado de sua terra em Jacó; vendido em José; exposto em Moisés; sacrificado no cordeiro pascal; perseguido em Davi e ultrajado nos profetas.”⁴⁵. Essa oferta do Filho de Deus remiu a humanidade que, por sua vez, é convidada a recordar esse evento quando celebra a Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor.

1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

A liberdade é dom de Deus oferecido à humanidade. Fazendo mau uso dessa graça, os primeiros pais do gênero humano pecaram ao ferir, com a desobediência, a relação filial com o Criador. Consequentemente, logo o pecado refletiu nos laços horizontais antropológicos, isto é, na relação social, fraternal. Quando Caim, com violência, levantou a mão contra Abel, seu irmão, matando-o, o fratricídio feriu ainda mais a dimensão relacional no mundo.

Contudo, há em Deus o desejo de que todo o ser humano viva no amor, assim como é próprio de sua identidade. Não abandonando a raça humana, quis Deus reestabelecer todas as coisas em seu Filho. Jesus, assim, encabeça toda a criação e, resgatando o gênero humano, resgata também a identidade da pessoa ensinado o verdadeiro caminho da filiação e da fraternidade.

O Filho, portanto, presente desde a eternidade, não se fez indiferente à humanidade e, na celebração eucarística, perpetua sua presença real na história. A Páscoa do Filho “é o sacrifício que reconcilia céu e terra”.⁴⁶ São Paulo afirma que conforme a promessa feita ao povo da Aliança, Deus ofereceu a Israel o Salvador, que ganha nome, rosto e se faz comensal na Eucaristia com o homem: Jesus Cristo, de Nazaré.⁴⁷

⁴⁵ MELITÃO DE SARDES. **Da homilia sobre a Páscoa**: o Cordeiro imolado libertou-nos da morte para a vida. In: Liturgia das Horas. São Paulo: Vozes, 2000. p. 400-401.

⁴⁶ FRANCISCO. **A santa Missa**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 59.

⁴⁷ At 13,23.

2 A EUCARISTIA: DOM SALVÍFICO

Fazer memória é próprio daqueles que amam e mantêm viva e atual a imagem de algo ou alguém. Antes de consumir o seu mistério redentor, Jesus Cristo quis deixar-se presente nas espécies do pão e do vinho. Numa ceia, portanto, pediu para que seus discípulos realizassem – daquele momento em diante – o mesmo mistério celebrado, fazendo “isso em memória de mim”⁴⁸.

A Eucaristia, portanto, mantém viva a fé e a vida da Igreja. É o alimento salutar que nutre os filhos e fortifica o peregrino até que, por fim, chegue à pátria definitiva. Ela é a presença viva do Ressuscitado na Igreja que plenifica a manifestação do seu amor.⁴⁹

2.1 MISTÉRIO ENCARNADO

Se para a humanidade a compreensão da encarnação do Filho de Deus é, de certo modo, complexa, a Eucaristia favorece a compreensão concreta do amor de um Deus que se rebaixa, fazendo sua *quênose* nas espécies do pão e do vinho. O Ungido de Deus não apenas se faz presente, mas assume a natureza criacional, convidando a humanidade a viver o centro da sua fé e a síntese de sua existência.⁵⁰

Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz, no qual Cristo imolado é a nossa Páscoa (1Cor 5,7), atua-se a obra da nossa redenção. O sacramento do pão eucarístico representa e realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual procedemos, pelo qual vivemos e para o qual tendemos.⁵¹

A Eucaristia é mais um dos grandes dons dados por Deus à humanidade. No pão partido por Jesus, no seu corpo doado, encontra-se

⁴⁸ 1Cor 11,24.

⁴⁹ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 7; EE 1.

⁵⁰ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. *Eucaristia, sacramento de vida nova*. Trad. Clemente R. Mahl. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 11.

⁵¹ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 5-6; LG 3.

o convite para que todos, sem distinção, unam-se, novamente, na mesma fé. Assim, a Eucaristia torna-se remédio à corrupção humana, quando unindo a criação, o mundo e os homens, ela santifica e restaura a relação da criatura com o Criador. Eis aqui o espaço em que “o velho Adão renova-se sem destruir-se, a natureza humana é assumida sem ser mudada e o homem é deificado sem deixar de ser homem”.⁵²

2.2 AS DIMENSÕES DA EUCARISTIA

A Eucaristia foi dada pelo mestre Jesus como uma oferta agápica, isto é, um dom total. Para São João Paulo II, a Eucaristia é sacramento de sacrifício, de comunhão e de presença.⁵³

O Senhor Jesus faz da Eucaristia um sacramento inefável e funda uma didática que ensina aos homens e mulheres a possibilidade de restaurar o mundo ferido pela divisão e pelas armadilhas do individualismo. Nela, o Cristo recorda, em cada celebração, o preço sacrificial pelo qual a humanidade foi remida. O pão partido não é mais um simples pão, mas a expressão do dom mais sublime de amar que, ao dividir-se, não se perde, mas se multiplica, mata a fome e ensina aos homens serem comensais do mesmo alimento santo e verdadeiro.⁵⁴

2.2.1 Sacramento de Sacrifício

Embora Jesus não tenha dado uma explicação detalhada sobre o sacrifício na Eucaristia, as palavras da instituição mostram claramente que se trata de um sacrifício real e propiciatório. Ao pronunciar a frase em que afirma que o seu corpo é ofertado por seus amigos, Jesus deixa claro que aquela refeição não se trata apenas de dar o seu corpo e o seu sangue como alimento, mas entregá-los como sacrifício santo, verdadeiro, eterno e incruento.⁵⁵

O verbo *dar*, por exemplo, é característico de Jesus. Ele é puro dom. Doa-se sem medida. Manifesta a sua doação em toda a sua vida e recorda que veio para servir e não para ser servido. Exorta os discípulos dizendo-lhes que ele é quem veio dar a sua vida em resgate da

⁵² ZIZIOULAS, 2001, p. 84-85.

⁵³ JOÃO PAULO II, 1979, p. 80; RH 20.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, 1979, p. 79; RH 20.

⁵⁵ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 84.

humanidade e que o seu doar-se até o fim é em vista da sua missão: a remissão dos pecados.⁵⁶

Diante desse mistério sublime de doação e amor agápico, São Paulo VI recorda o sacrifício eucarístico como tesouro fundamental da Igreja, do qual o povo vive e atualiza a redenção do Senhor:

Convém recordar primeiramente aquilo que é, por assim dizer, a síntese e o ponto mais sublime desta doutrina: que no Mistério Eucarístico é representado de modo admirável o Sacrifício da Cruz, consumado uma vez para sempre no Calvário; e que nele se relembra perenemente a sua eficácia salutar na remissão dos pecados que todos os dias cometemos. [...] E mandando aos Apóstolos que fizessem isto em sua memória, mostrou a vontade de que este Mistério se renovasse.⁵⁷

Toda a Igreja celebra o sacrifício do Filho de Deus. Credo no que é celebrado, a assembleia professa o seu *amém*, afirmando, verdadeiramente, a fé naquilo que vê. Assim, o Pai permite aos homens a participação no sacrifício de Jesus, em seu poder divino incorporando a Igreja à sua ação salvífica até mesmo os que viveram antes de Cristo:

Pelo poder divino, inseparável de Jesus, o sacrifício histórico dele permanece presente em todos os séculos e em todos os lugares, em um perpétuo hoje [...]. Ele é o ponto de contato pelo qual o Pai - com suas *duas mãos*- atinge todos os instantes e lugares da história, santificando-os. Acontecimento localizado e temporal, definitivamente realizado e que não poderia de modo algum se repetir, Jesus [...] está também agindo nele, pelo que todos os lugares e todos os séculos [...] são unidos pela hora da cruz, pela qual, na morte do Senhor, Deus abre os últimos tempos. Quando, pois, com suas palavras e com seus símbolos (pão partido e dado, cálice partilhado), a assembleia faz anamnese do

⁵⁶ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 85.

⁵⁷ PAULO VI. **Carta Encíclica *Mysterium Fidei***. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 15-16; MF 27-28.

ato sacrificial do Senhor, o Pai, pela palavra proclamada e pelo Espírito pedido, o insere nesse acontecimento do sacrifício eternamente presente para ele.⁵⁸

O sacrifício de Cristo é essencial e insubstituível. Sendo a vítima que tira o pecado do mundo, o Filho de Deus manifesta o seu dom total no sacrifício da cruz. Na mesa da Eucaristia, Deus Pai dá aos homens o seu Unigênito, não só morto, mas ressuscitado e glorificado. O Cristo, portanto, dá-se aos homens, com todo o seu poder e glória, como pão da vida e cálice da salvação. Agora, é fundada a nova e eterna Aliança que, rompida em Adão e Eva, agora é restaurada pelo sacrifício do próprio Deus feito homem.⁵⁹

Quando Jesus diz na última ceia que o seu sangue dá a nova Aliança, refere-se à vinda e à instauração do Reino de Deus no agora, e não a um evento passado. O significado escatológico do sacrifício de Jesus na cruz não pode ser separado dele, e a remissão dos pecados está ligada à vinda do Reino, especialmente a remissão dos pecados que vem do sacrifício do Filho de Deus como o Cordeiro Pascal.⁶⁰

2.2.2 Sacramento de Presença

Tendo amado a humanidade, Jesus quis permanecer com ela. A Eucaristia possui também sua dimensão presencial, isto é, por ela e nela, o Filho de Deus se faz peregrino e comensal com o homem. Na promessa de permanecer até o fim dos tempos, o Senhor renova a Igreja, por seu amor, nas espécies do pão e do vinho consagrados.⁶¹

A presença de Cristo na Eucaristia edifica a Igreja. Nela, todos os homens são animados à santidade e à verdadeira felicidade: a vida em Deus. Deste modo, presente em corpo, alma e divindade, a Eucaristia manifesta o Deus vivo e verdadeiro, o Emmanuel, o *Deus conosco*, que deseja participar da criação da qual ele mesmo também foi artífice. Assim, a presença do Ressuscitado nas espécies consagradas habita,

⁵⁸ JEAN-MARIE R. TILLARD. Teologia voz católica: a comunhão na Páscoa do Senhor. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucharistia**: Enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006. p. 521-574. p. cit. 561.

⁵⁹ JEAN-MARIE R. TILLARD, 2006, p. 562.

⁶⁰ ZIZIOULAS, Ioannis. **A criação e Reino de Deus**. Trad. Vitor G. Feller. São Paulo: Mundo e Missão, 2003. p. 38.

⁶¹ JOÃO PAULO II, 2003, p. 21; EE 20.

verdadeiramente, no meio das criaturas, convidando-as à santidade e agindo como remédio.⁶²

Cristo, portanto, não está presente apenas durante a celebração eucarística, mas também quando a Eucaristia é mantida nas Igrejas ou nos oratórios. Ele está presente com a humanidade o tempo todo, habitando no meio dela, transbordando de graça e verdade. Assim, Cristo na Eucaristia:

Morigera os costumes, alimenta as virtudes, consola os aflitos, fortifica os fracos; atrai à sua imitação quantos dele se abeiram, para que aprendam com o seu exemplo a ser mansos e humildes de coração, e a procurar não os seus interesses mas os de Deus. Todos os que dedicam particular devoção ao augusto sacramento eucarístico [...] experimentam e se alegram de compreender quanto é útil e preciosa a vida oculta com Cristo em Deus [...].⁶³

Apesar disso, a Eucaristia nem sempre foi prevista para ser reserva, isto é, conservar o que sobrara para adorações ou cultos posteriores. Nos primeiros séculos da Igreja Primitiva, a Eucaristia era adorada de forma pública apenas enquanto se durava a celebração da missa e a comunhão dos fiéis. A conservação da hóstia consagrada era reservada para levar a comunhão aos enfermos e àqueles que não podiam se fazer presentes.⁶⁴

A adoração à Eucaristia após o culto é algo que começou a ser difundido principalmente no Ocidente, apenas na Idade Média, como algo devocional. Foi no século XII que o rito da celebração começou a prever a elevação das espécies no momento da consagração. Deste modo, os fiéis eram convidados a reconhecer a presença do Senhor no augustíssimo sacramento.⁶⁵

Com o aumento da devoção e dos atos de piedade ao Santíssimo Sacramento, o século XIII foi marcado por manifestações religiosas fora da celebração da missa, como procissões. Foi o caso de Urbano IV, papa,

⁶² PAULO VI, 2005, p. 37-38; MF 69.

⁶³ PAULO VI, 2005, p. 37-38; MF 69.

⁶⁴ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 115.

⁶⁵ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 115.

que em 1247 introduziu a festa do Santíssimo Corpo e Sangue de Jesus, o *Corpus Christi*. O intuito era promover ainda mais o fervor e a glorificação desse sacramento salutar.⁶⁶

No século XIV, promoveu-se o uso do ostensório, para a exposição da espécie do pão consagrado. Em alguns lugares, o rito era realizado enquanto se rezava as horas canônicas. Por consequência, iniciou-se as bênçãos com o Santíssimo Sacramento. No Renascimento, as Igrejas passaram a adotar o tabernáculo sobre o altar-mor, para dar destaque às reservas eucarísticas.⁶⁷

A percepção e o incentivo à adoração da Eucaristia, reconhecendo nela a presença real do Senhor é válida e possui um valor doutrinal, mediante a evolução fundamentada na fé. O Concílio de Trento defende, pois, que:

Não resta, pois, nenhum motivo para duvidar de que todos os fiéis, segundo o costume recebido desde o princípio na Igreja católica, venerando o Santíssimo Sacramento, devem prestar o culto de latria devido ao Deus verdadeiro. Na verdade, não é porque foi instituído por Cristo Nosso Senhor como alimento que devemos adorá-lo menos. Nós cremos que nele está presente o mesmo Deus de quem o Pai eterno disse, apresentando-o ao mundo: 'Porque diante dele os deuses todos se prostram' (Sl 97,7), ele que os anjos: "prostrando-se, o adoraram' (Mt 2,11), ele, por fim, de quem a Escritura afirma que foi 'adorado' na Galileia pelos seus discípulos" (Mt 28,17).⁶⁸

O ato de fé dos discípulos é, portanto, o ato de fé de toda a Igreja. Para permanecerem com Jesus, os discípulos precisaram professar a fé no Filho do Homem. Foi Pedro que, tomando a frente, professou que Jesus é o Cristo de Deus. Jesus exige o ato de fé como condição do seu

⁶⁶ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 115-116.

⁶⁷ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 116.

⁶⁸ DENZIGER, Henrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007. p. 422; DH 1643.

discipulado: é crer nele e na sua presença, ou partir, sem crer que só ele tem palavras que dão vida eterna.⁶⁹

2.2.2.1 Crítica ortodoxa ao Ocidente

Ioannis Zizioulas tece uma crítica a respeito das adorações e cultos eucarísticos fora da celebração do Santo Sacrifício. Para o teólogo ortodoxo, a Escolástica foi a responsável por deformar o sentido original da Eucaristia. Esse período esforçou-se demasiadamente em afirmar a presença do Ressuscitado nas espécies consagradas, esquecendo-se de enriquecer proporcionalmente as outras dimensões presentes na Igreja Antiga.⁷⁰

Na Igreja Antiga, portanto, a Eucaristia não era vista tão somente como elemento para ser adorado. As sagradas espécies do corpo e sangue do Senhor eram encaradas como elementos de *práxis*, isto é, como liturgia de uma assembleia reunida. Essa catolicidade dos fiéis, universal e comunitária, eram contrárias aos atos individuais com Deus, como promovem os atos de piedade.⁷¹

O teólogo ainda explana que a Igreja do Oriente conserva a Eucaristia como liturgia exclusivamente comunitária, sem cogitar a adoração dos preciosos dons como redução a objetos de devoção ou culto. Compreende que a Eucaristia é o corpo de Cristo, Deus em sua totalidade, mas que não deve ser vista como um veículo de uma graça abstrata e independente da cristologia. Zizioulas afirma que, ao olhar para a Eucaristia, é possível compreender:

O próprio Cristo que salva o homem e o mundo e que nos reconcilia com Deus através de si mesmo. Como consequência, todos os problemas sobre os elementos da Eucaristia, a presença real ou menos real de Cristo [...] que tão maciçamente ocuparam as disputas medievais, são secundários e nos levam simples e unicamente a uma visão da Eucaristia como coisa, como objeto. O caráter fundamental da Eucaristia consiste, em vez disso, no seu ser uma reunião (*synaxis*) e uma ação (*práxis*) na qual se

⁶⁹ Jo 6,67.

⁷⁰ ZIZIOULAS, 2001, p. 80-81.

⁷¹ ZIZIOULAS, 2001, p. 81.

contempla, se recapitula e se vive todo o mistério de Cristo, a salvação do mundo.⁷²

Quando os cristãos compreendem a ação e o efeito da Eucaristia na vida pessoal e eclesial, vivem a liturgia no seu modo mais autêntico e real. Assim, sem desprezar o encontro dos batizados e sem prezar pelo individualismo, o rito oriental favorece a contemplação do mistério naquilo que ele é. Embora as Igrejas orientais não tenham a tradição do culto eucarístico fora da missa, manifestada em procissões, hora santa ou bênção eucarística, elas ainda têm um profundo respeito pela santa Eucaristia, mesmo além de suas celebrações da litúrgicas.⁷³

2.2.2.2 O incentivo à devoção e à adoração no Ocidente

A adoração eucarística é uma forma de adoração específica da Igreja Católica. Outras correntes cristãs têm suas próprias formas de adoração, como o culto da palavra de Deus, para os protestantes, e o culto dos ícones, para os ortodoxos. Apesar dessas diferenças, todas as correntes compartilham o mesmo objetivo: o de contemplar Cristo e seu mistério redentor.⁷⁴

A adoração à Eucaristia não visa a hóstia como tal – sinal visível da presença do corpo de Cristo –, mas, mediante a fé, o sujeito é convidado a adorar o corpo invisível de Cristo. O ato de adorar o Santíssimo Sacramento, portanto, não se restringe à espécie, mas à pessoa divina de Jesus Cristo, o Filho de Deus, velado no pão.

Santo Tomás de Aquino exalta a Eucaristia, por exemplo, quando entoa:

Adoro-te, escondido, Deus presente,
Sob o Pão e o Vinho, Deus vivente!
A ti me sujeito, de todo o coração
E te contemplando, com elevação!
Por olhos, tato, gosto, não te apuro,
Mas somente o ouvido, crê seguro,

⁷² ZIZIOULAS, 2001, p. 81-82.

⁷³ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 124.

⁷⁴ CANTALAMESSA, Raniero. **IV Pregação da Quaresma**: texto integral. Vaticano, 05 abr. 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-04/ranierocantalamezza-quarta-pregacao-quaresma-2019.html>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

Tudo o que disse o Filho de Deus,
Cuja Palavra traz selo dos céus!
[...]
Jesus, que, velado, agora eu vejo,
Peço satisfaças meu amor desejo
Ver-te face a face, toda a eternidade,
Lá da tua glória, na felicidade! Amém!⁷⁵

A Igreja Católica defende e promove o culto eucarístico, na forma de latrã, com o intuito de aproximar os fiéis de Deus e de nutrir o espírito junto à presença do autor da vida. De acordo com a história, a veneração e a adoração da Eucaristia fora da Missa surgiram como resposta à heresia de Berengário de Tours, no século XI. O teólogo francês negava a presença real de Jesus na Eucaristia, defendendo apenas a presença simbólica, do corpo de Cristo.⁷⁶

O ato de piedade e devoção à Eucaristia, por mais que se faça individualmente, não caracteriza um individualismo. Contudo, é preciso compreender que esse sacramento não se reduz ao âmbito individualista e tampouco egoísta, por parte do fiel. Se o fosse, perderia sua principal característica de comunhão sacramental, entre Deus e o homem e entre esse e as demais pessoas. É apenas crendo na presença de Cristo nas espécies consagradas que se pode fazer a comunhão.⁷⁷

De fato, a dimensão de adoração à Eucaristia não tem a primazia. Primeiro, o evento salvífico deve ser celebrado e dado em alimento, como mandato do Senhor, quando pediu aos discípulos para que comessem e bebessem do seu corpo e do seu sangue. A adoração, surge como consequência da celebração. Antes do culto, prepara para o sacrifício a ser celebrado; depois dele, favorece a ação de graças pela benevolência divina.⁷⁸

⁷⁵ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 119-120.

⁷⁶ CANTALAMESSA, 2019, não paginado.

⁷⁷ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 119.

⁷⁸ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 121.

2.2.3 Sacramento de Comunhão

Deus é peregrino com a humanidade. Desde a origem, por mais que velada, a sua presença foi sempre real e vivificante. Na passagem dos discípulos de Emaús, que caminhavam desolados e abatidos, o rosto de Deus não só é desvelado, como colabora para que os olhos dos dois peregrinos também se abram naquela fração do pão.⁷⁹

A Eucaristia ganha ainda mais destaque no evento pós-ressurreição. Nesse mesmo trajeto de Jerusalém a Emaús, o convite que os caminheiros fazem é para que o Senhor permaneça com eles. Mais profundo ainda é compreender que, mesmo indiretamente, o desejo é de que aquele que fez arder os corações permaneça neles, dentro de cada um. Essa permanência é de caráter escatológico, no sentido que permite viver as primícias do céu na terra.⁸⁰ Muito mais, portanto, que permanecer *com*, a Eucaristia é o Deus que permanece *em* eles.

Pela efusão do Espírito Santo, a Igreja torna-se corpo de Cristo e é convocada a caminhar com ele, seu esposo. A comunhão eucarística, deste modo, não pode ser vivida fora da comunhão eclesial, pois é nela que o Cordeiro imola-se e promove a unidade dos fiéis. É isso que recorda São João Paulo II, ao exortar que:

Se a Eucaristia é fonte da unidade eclesial, ela é também sua máxima manifestação. A Eucaristia é epifania de comunhão. É por isso que a Igreja oferece condições para que se possa tomar parte de modo pleno na celebração eucarística.⁸¹

Quando os cristãos dividem-se e promovem a discórdia, o sofrimento eclesial é tomado por todas as partes. O ser humano é um nó de relações e, conseqüentemente, quando um sofre desavença, toda a Igreja acaba por sofrer. Deste modo, a Eucaristia encontra obstáculos à participação comunitária, tendo em vista que ela é a fonte e o cume da vida da Igreja, como recorda o Concílio Vaticano II, e sacramento de unidade.⁸²

⁷⁹ Lc 24, 1ss.

⁸⁰ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mane Nobiscum Domine*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 23; MND 19.

⁸¹ JOÃO PAULO II, 2005, p. 24-25; MND 21.

⁸² COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 124.

A vida da Igreja é alimentada pelo augustíssimo sacramento e, por isso, tem como objetivo a promoção da comunhão eclesial. Quanto às Igrejas Orientais, essas participam do mistério, porque mantêm viva a sucessão apostólica. Isso se difere dos irmãos protestantes, que não conservam a verdadeira substância do mistério eucarístico e a sucessão apostólica. Assim sendo, não se torna possível a participação na comunhão eucarística. Passos para que esse problema seja amenizado e caminhos para a unidade sejam estabelecidos devem ser, cada vez mais, incentivados.⁸³

Ao passo que aparecem feridas de separação e discordâncias com o Evangelho, pontífices manifestaram-se, assim como São João Paulo II e atualmente o Papa Francisco, pela preservação e manutenção constante da unidade eclesial. São Paulo VI, por exemplo, conclama a todos os fiéis a buscarem, na e pela Eucaristia, a unidade tão desejada pelo Senhor, mesmo com aqueles que não pertencem plenamente ao corpo eclesial:

[...] Para que todos aqueles que não estão ainda perfeitamente unidos à Igreja Católica, mas, embora dela separados, se gloriam do nome de cristãos, cheguem quanto antes a gozar conosco, pela graça divina, aquela unidade de fé e de comunhão, que Jesus Cristo deseja constitua sinal distintivo dos seus discípulos.⁸⁴

Compreende-se, portanto, que a Igreja Católica, ao comungar da Eucaristia, é nutrida pelo desejo de formar comunidade e *ser com o outro* membro ativo e autêntico do corpo do Senhor. É dever dessa mesma comunidade de fiéis promover a comunhão com a Trindade divina – modelo perfeitíssimo de comunhão – e com todo o povo de Deus. A Eucaristia recebe o nome de comunhão porque quer ser, no mundo, sinal de unidade.⁸⁵

O católico, quando comunga, não pode pensar em promover a comunhão só com os seus. Antes, aqueles que participam do banquete do Cordeiro, são chamados a serem *outros Cristo* no mundo, evangelizando com a própria vida. Assim, a Eucaristia parte da comunhão, passa pelos fiéis e atinge o mundo. A Eucaristia recorda constantemente à Igreja,

⁸³ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 125.

⁸⁴ PAULO VI, 2005, p. 39; MF 72.

⁸⁵ JOÃO PAULO II, 2003, p. 33; EE 34.

sobre a sua natureza como uma comunidade concreta, uma assembleia reunida no aqui e no agora, conforme expresso pelo seu próprio nome: *Ekklesia*, uma assembleia convocada por Deus, representando o sacramento da comunhão universal de todo o povo de Deus.⁸⁶

O objetivo da celebração eucarística é a transformação daqueles que participam no corpo eclesial de Cristo por meio da comunhão no corpo sacramental. Portanto, a Eucaristia é reconhecida como o sacramento da unidade, fermento de comunhão. É importante salientar que, por vezes, observa-se uma separação entre a comunhão do corpo e sangue de Cristo e a comunhão eclesial. Essa possibilidade de separação revela que muitos ainda não compreenderam, plenamente, a profundidade e a abrangência do mistério da Eucaristia.⁸⁷

2.3 A IGREJA CELEBRA A EUCARISTIA

A doação de Cristo à Igreja e ao mundo manifesta-se plenamente na liturgia eucarística. Nos dons ofertados e transformados no corpo e no sangue de Deus, o povo reunido em assembleia celebra a Páscoa de Jesus, assimilada, pelo batismo, a todos os fiéis. Deste modo, todos aqueles que professam a fé no Vivente, celebram a Eucaristia presidida pelo sacerdote.⁸⁸

Quando reunida, a Igreja celebra a Eucaristia tendo como presidente o bispo ou o presbítero, que representam, evidentemente, Cristo cabeça. Nas palavras de Santo Agostinho, bispo de Hipona, a cabeça não pode ser separada dos demais membros. Deste modo, quando o membro capitular celebra, todos os demais membros celebram a Páscoa do Senhor conjuntamente, em harmonia. Cristo “está todo inteiro na cabeça e no corpo”.⁸⁹

A celebração da Eucaristia deve ser uma arte que, por si só, revele a Deus e colabore na participação ativa, consciente, autêntica e frutuosa de todos os fiéis.⁹⁰ Bento XVI, de feliz memória, recorda que o bispo

⁸⁶ CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, XVIII. **Texto-base do XVIII Congresso Eucarístico Nacional**. São Paulo: Paulus, 2019, p. 18.

⁸⁷ CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, XVIII, 2019, p. 18.

⁸⁸ BENTO XVI. **Carta Apostólica Sacramentum Caritatis**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 55-56; SC 34.

⁸⁹ BENTO XVI, 2007, p. 58-59; SC 36.

⁹⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Sacrosanctum Concilium**. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 15-16; SSC 11.

diocesano é o primeiro responsável, protetor e guardião, para que a porção do povo de Deus, que lhe foi confiada, cresça e permaneça na unidade da celebração, em toda a sua grei:

Tudo isto é decisivo para a vida da Igreja particular, não só porque a comunhão com o bispo é condição para que seja legítima uma celebração no respectivo território, mas também porque ele mesmo é o liturgista por excelência da sua Igreja. Compete-lhe salvaguardar a concorde unidade das celebrações na sua diocese; por isso, deve ser preocupação do bispo fazer com que os presbíteros, os diáconos e os fiéis compreendam cada vez melhor o sentido autêntico dos ritos e dos textos litúrgicos, levando-os deste modo a uma ativa e frutuosa celebração da Eucaristia.

O bispo é o sinal visível de unidade. Quando a Eucaristia é celebrada pela Igreja, manifesta-se a unidade de todos os fiéis com o Romano Pontífice e com o bispo local. A comunhão com a Igreja Particular e com a Igreja Universal é exigência intrínseca para que a Eucaristia seja legítima e produza frutos salutares.⁹¹

Assim sendo, quando há rupturas nos laços na unidade eclesial, a Eucaristia não deve ser celebrada até que se reestabelecida a integridade desses laços. Deste modo, a celebração dominical é imprescindível para a promoção da unidade e da comunhão. A Eucaristia nutre a vida fraterna da comunidade que reza e oferta, ao Pai, o sacrifício de Jesus, no Espírito Santo.⁹²

A celebração da Eucaristia permite à Igreja compreender que não se trata de uma experiência isolada e individual, mas pessoal e comunitária. O encontro que cada pessoa faz com o Ressuscitado é plenificado quando se celebra o mistério da salvação. Portanto, “o significado objetivo de Eucaristia na vida da Igreja e a experiência participativa comunitária são elementos fundantes da Eucaristia”⁹³.

É a Igreja que, conservando a fé apostólica, educa e permite que os fiéis participem autenticamente do mistério que celebram. Portanto, a Eucaristia se manifesta de modo pleno como sacramento dado por Cristo,

⁹¹ JOÃO PAULO II, 2003, p. 36-37; EE 39.

⁹² JOÃO PAULO II, 2003, p. 37-38; EE 41.

⁹³ MARINI, Piero. **Presidir a celebração da Eucaristia: ars celebrandi**. Trad. Ricardo Farias. Brasília: CNBB, 2018. p. 27.

atuado na Igreja e participado pessoalmente e não individualmente pelos batizados.⁹⁴ A celebração litúrgica, deste modo, no hoje e no agora, guia para à definitiva liturgia, no céu.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

A Eucaristia é dom de Deus oferecido à humanidade. Na presença real de Cristo ressuscitado que se sacrifica pelo mundo, os fiéis são chamados a corresponderem com uma autêntica comunhão. Não há Eucaristia sem comunhão, nem comunhão sem Eucaristia.

Os últimos pontífices fizeram questão de ressaltar o valor da Eucaristia para a Igreja e o modo como ela educa os fiéis para a compreensão de tão grande dom. Convidado a fazer memória, o povo de Deus atualiza, na celebração eucarística, o mistério redentor do Senhor, que não deseja que o mundo pereça e, por isso, o alimenta, sustenta e nutre, com o corpo e o sangue de Cristo, vida para todos aqueles que creem.

Das basílicas e catedrais às comunidades em terra de missão, todas vivem o mesmo e grande mistério do amor de Deus. Na celebração, que é toda ela trinitária, a Igreja oferece o Cristo ao Pai, pelo Espírito Santo. Alimentados pelo augustíssimo sacramento, o povo cresce na unidade e na comunhão eclesial, promovida e guardada pelos ministros ordenados.

O apelo pela paz, a unidade e a comunhão, no mundo, é cada vez mais claro. Assim como os pontífices anteriores, o Papa Francisco busca incansavelmente apresentar caminhos que promovam a fraternidade, tanto para os que pertencem à Igreja, quanto aos que estão fora. Em boa parte do seu magistério, Francisco compreende e exorta que a Eucaristia é uma profunda e certa escola para o reestabelecimento dos laços de fraternidade, que o mundo, ferido, tanto necessita. A Eucaristia santifica, educa e aponta para a missão de testemunhar o Vivente no mundo secularizado.

⁹⁴ MARINI, 2019, p. 26.

3 EUCARISTIA E FRATERNIDADE: O CHAMADO À UNIDADE

Imerso numa crise de relações, desde os tempos do pecado da desobediência e do primeiro fratricídio, o homem encontra-se ferido pela mancha do mal. Essa fragmentação e disparidade, com Deus e com o outro, continuam a impedir o olhar conjunto dos homens sobre o problema da divisão. A incapacidade da sociedade fragmentada em assumir laços e compromissos comunitários gera a frustração, o medo, a depressão, a soberba, o suicídio e tantos outros males que provocaram caos e guerras, pessoais e mundiais. Esses são, claramente, fatores negativos que, ao longo de toda a história da humanidade, foram presentes e se tornaram males ainda mais comuns neste século XXI.⁹⁵ “Alguns desses sinais são ao mesmo tempo sintomas duma verdadeira degradação social, duma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social”.⁹⁶ O homem contemporâneo deve, portanto, não combater aos outros, mas o mal que envenena as suas ações.

Assim como já afirmado nos capítulos anteriores, com o pecado no jardim, a humanidade acabou por ferir a sua própria relação com Deus; e no assassinato do irmão, a sua relação com o outro. Contudo, Deus que, em sua magnânima benevolência, chamou a humanidade à vida, não fica imparcial frente às urgências do mundo. Apesar do pecado, a vontade de Deus é que os laços se reestabeleçam, todos sejam atraídos pela Páscoa de Cristo e a unidade retome o seu curso natural.

3.1 O CHAMADO APOSTÓLICO À UNIDADE

Com a ascensão do Senhor aos céus, os discípulos receberam, da boca do próprio mestre, o mandato de fazerem discípulos em todas as nações da terra. As primeiras comunidades cristãs começam a surgir e, junto a elas, o desejo de perpetuar a presença de Jesus no meio dos crentes. É assim que afirma o livro dos Atos dos Apóstolos, ao apresentar a comunidade cristã como aquela que se mostrava assídua aos ensinamentos apostólicos, à unidade e comunhão fraterna, ao partir do pão e às orações.⁹⁷

⁹⁵ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2008. p. 28; DAp. 36.

⁹⁶ FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulus, 2015. p. 53; LS 46.

⁹⁷ At 2,42.

Desde o início da Igreja, os apóstolos e os demais cristãos reconheceram na palavra de Jesus Cristo que a Eucaristia é sacrifício e alimento de reconciliação. Conforme a ordem do mestre, não é possível aproximar-se do altar estando em desavenças com o irmão. Antes, ambos devem reconciliar-se, para que possam ser menos indignos de apresentarem as suas oferendas. A Eucaristia, portanto, educa e forma para a comunhão dos fiéis.⁹⁸

Os apóstolos tinham firme convicção de que a Eucaristia nutria a vida da comunidade, a vida da Igreja. Tanto nos tempos apostólicos, nos que transcorreram a história e ainda hoje, a sagrada comunhão no Corpo e no Sangue de Jesus é sinal de que a Eucaristia edifica a Igreja para que essa mesma Igreja faça a Eucaristia.⁹⁹ O precioso sacramento é considerado a expressão clara da fraternidade querida por Deus. Para que sua essência não seja profanada, é imprescindível buscar a reconciliação, não apenas no momento da celebração, mas também na realidade prática da vida. Sem esse compromisso com a reconciliação, o culto perde seu sentido genuíno e autêntico. Destaca-se, portanto, com base nas Escrituras, o que o catecismo dos primeiros cristãos já afirma:

Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o sacrifício de vocês seja puro. Aquele que está de briga com seu companheiro, não poderá juntar-se a vocês antes de se ter reconciliado, para que o sacrifício que vocês oferecem não seja profanado. Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: "Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro, porque eu sou um grande rei, diz o Senhor, e o meu Nome é admirável entre as nações".¹⁰⁰

A Eucaristia celebrada era e é capaz de unir, mesmo na distância, os cristãos dispersos por toda terra. No pão e no vinho consagrados, os cristãos encontram-se para celebrar a memória daquele que se fez um com a humanidade e expressa no sacramento da Eucaristia, o desejo de que todos sejam nutridos na comunhão fraterna. Aos cristãos primitivos é evidente: não se descansa enquanto houver irmãos em desarmonia ou que

⁹⁸ Mt 5,23-24.

⁹⁹ JOÃO PAULO II, 2003, p. 27; EE 26.

¹⁰⁰ DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje: Paulus, 1989. p. 27; DQ XV.

ainda não conhecem da Boa-Nova. Todos são chamados. Caracterizava-se, fortemente, este desejo de reunião, com a prece que precedia a refeição dos cristãos:

Do mesmo modo como este pão partido tinha sido semeado sobre as colinas, e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu Reino, porque tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo, para sempre.¹⁰¹

São Paulo utiliza a analogia do corpo para representar a Igreja como o corpo de Cristo e compreende a importância da Eucaristia na formação da comunidade. O Apóstolo dos Gentios destaca que, embora sejam muitos, os cristãos são um só corpo, pois participam do único pão. No entanto, é importante considerar essa afirmação dentro do contexto em que foi feita. Antes dessa declaração, Paulo demonstra que a verdadeira unidade está na comunhão com o corpo de Cristo através do pão que é partido. O cálice é compartilhado por todos, e a comunhão não se trata unicamente da união entre as pessoas, mas, principalmente, da comunhão com o sangue de Cristo. É estar em comunhão com Cristo para estar em comunhão com os irmãos¹⁰²: “o pão que partimos não é a comunhão com o corpo de Cristo?”¹⁰³.

3.2 DE PEDRO A FRANCISCO: MANTER A FRATERNIDADE

Das comunidades primitivas às comunidades atuais, o incentivo para que a Eucaristia seja alimento e estímulo para o crescimento do corpo eclesial, em todos os seus membros, é fundamental. A sucessão apostólica garantiu à Igreja a perene atualização do mistério pascal do Senhor: o dom da Eucaristia sempre presente. Do ontem ao hoje, de Pedro a Francisco, papa, os cristãos são chamados à unidade e à comunhão.

No ano de 2013, a Igreja conheceu o novo rosto de Pedro, chamado pelo nome de Francisco. O pontífice, vindo de realidades latino-americanas, iniciou o seu ministério petrino lançando um olhar crítico e esperançoso sobre a fisionomia que o mundo tem ganhado, nos últimos

¹⁰¹ DIDAQUÉ, 1989, p. 21; DQ IX.

¹⁰² COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 141.

¹⁰³ 1Cor 10,16.

anos. Reflexivas são as suas obras, exortações e discursos sobre a necessidade que a humanidade tem de parar, refletir e mudar o comportamento desenfreado e caótico, que a levará ao abismo.¹⁰⁴

Francisco, assim como os apóstolos, é a voz do pastor que corrige as imperfeições do rebanho e manifesta o desejo de que todos se tornem peregrinos de um mesmo caminho. O apelo não se caracteriza apenas para os filhos da Igreja, mas para todos aqueles que se reconhecem como *homens de boa vontade*. Assim, diante de um mundo fragmentado, envolto em rivalidades, guerras e corridas pelo sucesso individualista, o sumo pontífice convida a todos, não só cristãos, a lerem a realidade atual, ferida e dispersa.¹⁰⁵

Com um pontificado marcado por guerras entre nações, conflitos mundiais e sanitários, como a pandemia da COVID-19, Francisco dedica-se a anunciar o bem-comum como manifestação visível da vontade de Deus. A cultura atual é marcada pelo individualismo e pelo fechamento, o que leva a sociedade a ignorar aqueles que sofrem ou são descartados devido à nossa confortável indiferença.¹⁰⁶ A indiferença com o outro é contrária ao mandamento do Senhor, que exorta ao cuidado com todos, principalmente com os mais necessitados.¹⁰⁷ Fugir das responsabilidades do cuidado e da atenção para com os outros é sinal de imaturidade humana e fuga do mundo.

Nos muitos anos de civilização, a humanidade deveria aperfeiçoar-se na arte da fraternidade. De fato, houve períodos de paz e reconciliação, acordos e tratados, mas que não refletiram como exemplos em tantas outras partes do mundo. A humanidade deu passos importantes de solidariedade, mas também de regressão. Ainda não compreendeu o sentido de completar-se com a presença do outro e superar os aspectos egoístas e soberbos pelo poder a qualquer custo.¹⁰⁸

¹⁰⁴ NODARI, Paulo César. **Casa comum ou globalização da indiferença?** Ensaios sobre ecologia integral, fraternidade, política e paz. São Paulo: Paulus, 2022. p. 73.

¹⁰⁵ FRANCISCO, 2020, p. 12; FT 5.

¹⁰⁶ JAGURABA, Mariangela. **O Papa:** individualismo e fechamento infestam o mundo, o bem comum em primeiro lugar. Vaticano, 17 fev. 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/papa-francisco-empresarios-mexicanos-individualismo-bem-comum.html>>. Acesso em: 15 de mai. 2023.

¹⁰⁷ FRANCISCO, 2020, p. 13-14; FT 7.

¹⁰⁸ FRANCISCO, 2020, p. 15; FT 10-11.

Há, contudo, lutas legítimas que buscam preservar os direitos de um povo e a sua dignidade. O cristão é chamado a amar o opressor, como alguém necessitado de amor, mas não a sua opressão. Não se trata de irenismo, mas de luta contra a injustiça que desfigura a identidade humana.¹⁰⁹ A paz deve ser o baluarte de uma nação.

Francisco é um arauto da paz. Assim como exige a função que assumiu de pastor, trabalha para que o mundo reconheça, nos sinais de fraternidade e paz, que todos pertencem a uma única família eleita e amada pelo Criador. A humanidade alcançará um saudável progresso, portanto, na medida em que agir como comunidade.

O papa Francisco recorda constantemente que a Eucaristia é sinal visível de um Deus que ama e se entrega. A quênose do Verbo de Deus é prova efetiva do seu amor pela comunidade humana. Na ceia, assim como na cruz, Cristo não mediu esforços para doar-se sem medidas. Quis ele fazer, daquela ceia, a escola dos seus discípulos, restituindo a fraternidade como efeito daquela refeição aberta ao mundo. Contudo, muitos ainda não se reconhecem chamados ou não sabem que foram convidados para serem comensais. Portanto, é dever dos discípulos, daqueles que cearam com o Senhor, saírem em missão, pelo mundo, anunciando que a Eucaristia deseja reunir a todos. O pontífice afirma que:

Não deveríamos ter sequer um momento de descanso, sabendo que nem todos ainda receberam o convite à ceia, ou que outros o esqueceram ou se perderam nos caminhos tortuosos da vida dos homens. Por isso, disse que "sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (EG, n. 27): para que todos possam se sentar à ceia do sacrifício do Cordeiro e viver dele.¹¹⁰

É nessa liturgia eucarística e missionária, a ceia do Senhor, portanto, que a presença do Ressuscitado se torna uma possibilidade de encontro, com Deus e com o próximo, no chamamento à comunhão fraterna e no vínculo filial com o Pai. Os que foram alimentados pelo *Pão*

¹⁰⁹ FRANCISCO, 2020, p. 124-125; FT 241.

¹¹⁰ FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 10; DDs 5.

dos Anjos encontram forças para irem chamar os que se encontram mais distantes. Desse modo, cumpre-se, mais uma vez, o desejo de Jesus e, conseqüentemente, o do Pai: que o mundo seja um só povo e uma só nação.¹¹¹

São João Paulo II foi enfático ao recordar que a Eucaristia não deve ser encarada como mero alimento, que se resume tão somente à fraternidade. Antes, o sacramento da doação do próprio Senhor Jesus é sacrifício, comunhão e presença. Nas espécies sagradas, os crentes são convidados a aproximar-se com reverência e adoração, tendo a consciência de que o sacramento instituído pelo Senhor alimenta a vida do peregrino faminto. Por isso, é importante compreender que:

Se bem que seja verdade que a Eucaristia foi sempre e deve ser ainda agora a mais profunda revelação e celebração da fraternidade humana dos discípulos e confessores de Cristo, ela não pode ser considerada simplesmente como uma ocasião para se manifestar uma tal fraternidade. No celebrar o Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, é necessário respeitar a plena dimensão do mistério divino, o pleno sentido deste sinal sacramental, em que Cristo, realmente presente, é recebido, a alma é repleta de graça e é dado o penhor da glória futura.¹¹²

Fica claro, portanto, que, ao ser alimentada e nutrida pela Eucaristia, a humanidade é encorajada a viver o mandamento do amor, a dar, também, a vida em favor dos outros. Nesse sentido de dom, a Eucaristia manifesta-se como um sacramento da Trindade que atrai a humanidade para si. Esse sacramento reúne a humanidade para render o louvor e a glória ao Pai, que, enviando o seu Filho, remiu a humanidade e toda a criação manchada pelo pecado, por meio do Corpo e do Sangue do Cristo Senhor.

3.3 EUCARISTIA COMO FONTE DA FRATERNIDADE

Se por um homem a filiação e, conseqüentemente, a fraternidade foram rompidas, por outro são reestabelecidas. Assim, em Jesus Cristo, o novo Adão, toda a humanidade é chamada a recordar a sua vocação filial

¹¹¹ Jo 17,11.

¹¹² JOÃO PAULO II, 1979, p. 80; RH 20.

e fraterna. Por isso é, de modo especial, na celebração da Eucaristia, que a expressão máxima da fraternidade é apresentada ao mundo.

Em sua raiz, a Eucaristia é festa de amor do Deus Trindade que, movido pelo desejo agápico, convoca toda a criação, de modo especial à humanidade, a fim de os unir e os integrar. A Eucaristia é a celebração e a concretização do magnífico plano de Deus: transformar a humanidade para que ela possa ingressar, desde já, no reino da ressurreição, cujos sinais são prefigurados nos elementos da Eucaristia. Desse modo:

A celebração do memorial da Páscoa é vista como a festa da reunificação da humanidade, cuja unidade, rompida no começo de sua história, é restaurada sem cessar pelo amor de Deus [...], difundido em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado (Rm 5,5). Graças ao banquete eucarístico, Deus e a humanidade não poderão mais ser separados: "Aquele que come minha carne permanece em mim e eu nele" (Jo 6,56). O banquete celeste consumará essa união.¹¹³

À luz da Eucaristia, portanto, toda a vida da Igreja é compreendida como um processo contínuo de adentrar no mistério da generosidade divina, como um caminho de comunhão e ressurreição, e como um longo dia de celebração na firme esperança da festa na qual, em alegria plena, laços de amor firmar-se-ão eternamente.

Há de se notar que a Trindade, comunhão perfeita e exemplo de unidade, age, na celebração da Eucaristia, de modo central na consagração dos dons. De fato, é o Espírito Santo a comunhão do Pai e do Filho. Não obstante, é ao Pai que a Igreja, reunida em assembleia orante, clama para que o seu Santo Espírito venha sobre ela e sobre os dons do pão e do vinho, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue do Senhor Jesus Cristo. Deste modo, o Pai, o Filho e o Amor infundem no coração dos homens o desejo de permanecerem para sempre junto a eles.¹¹⁴

Esta fé na presença de Deus na celebração e nas espécies do pão e do vinho consagrados congrega os fiéis e os faz proclamar as maravilhas do Senhor a uma só voz, e num só propósito: o desejo de, em Cristo, ser um só povo, um só corpo e um só espírito.¹¹⁵ Assim sendo, a celebração da Eucaristia é fruto dos cristãos – presbíteros e leigos – reunidos junto

¹¹³ MAURICE BROUARD, 2006, p. 7.

¹¹⁴ Jo 6,56-57.

¹¹⁵ Ef 4,4.

ao altar, por desejo da Trindade, que permite aos homens o encontro e o reencontro com ela e com os irmãos.

Destaca-se, portanto, que é nesse humilde e simples ato que a maior epifania da Igreja acontece: o homem encontra-se com Deus e senta-se à mesa com o outro, para juntos participarem do banquete que impulsiona a caminhada conjunta. Nessa dinâmica, portanto, de escuta, chamado e resposta, o povo eleito de Deus congrega-se e forma família.¹¹⁶ É por isso que a Eucaristia, antes de ser alimento, é encontro e celebração, tendo em vista que o louvor a Deus parte do povo congregado e atinge o seu ápice na consagração, na fração do Pão. A assembleia litúrgica é o primeiro sinal eucarístico, mas não o único.¹¹⁷ Nesse ato, toda a comunidade eclesial é vocacionada a reconhecer-se eleita e enviada a proclamar as maravilhas dos filhos de Deus àqueles que ainda estão fora do banquete.

Surge na liturgia, portanto, a oportunidade do encontro entre os irmãos que, reunidos como povo e filhos de Deus, elevam ao Pai ação de graças. Nesse rito, a comunidade, como um só corpo, é privilegiada ao ser alcançada pelo penhor da Páscoa de Jesus Cristo. Assim, a busca pelo encontro com Deus não se dá de modo individualista, mas na congregação daqueles que foram chamados pelo Mestre.

Assim afirma o papa Francisco, ao recordar que a beleza da celebração cristã está em se deixar ser conformado a Cristo, cada vez mais.¹¹⁸ É na disposição ao seguimento de Jesus e na iniciativa de deixar-se moldar pelo Espírito Santo que os homens e as mulheres, reconciliados pela Páscoa do Senhor, podem partir o Pão, na certeza de que o Cristo vive. Nessa consciência de que na mesa há lugar para todos, o derramamento do Espírito Santo permite à humanidade perceber que o homem se torna plenamente homem e pessoa a partir do momento em que estabelece uma aberta relação com Deus, com os irmãos e com todas as criaturas.¹¹⁹ O pontífice afirma, ainda, que, na Eucaristia, Deus manifesta o ápice da salvação, ao recordar que:

Fazendo-se pão partido para nós, o Senhor Jesus
derrama sobre nós toda a sua misericórdia e todo

¹¹⁶ SILVA, Rafael Aléx Lima da. (2022, mai.) **Sinodalidade e Liturgia**: ensaio ritual simbólico. Ensaio apresentado como comunicação oral no Simpósio Teológico da Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis.

¹¹⁷ CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019, p. 17.

¹¹⁸ FRANCISCO, 2022, p. 17; DDs 21.

¹¹⁹ FRANCISCO, 2022, p. 21-22; DDs 32-33.

o seu amor, a ponto de renovar o nosso coração, a nossa existência e o nosso próprio modo de nos relacionarmos com ele e com os irmãos. É por isso que, geralmente, quando nos aproximamos desse sacramento, dizemos que recebemos a comunhão ou que fazemos a comunhão: isso significa que, no poder do Espírito Santo, a participação na mesa eucarística nos conforma com Cristo de modo singular e profundo, levando-nos a prelibar desde já a plena comunhão com o Pai, que caracterizará o banquete celestial, onde, juntamente com todos os santos, teremos a felicidade de contemplar Deus face a face.¹²⁰

Se, nas palavras da instituição do Corpo e do Sangue do Senhor, o Mestre afirmou que foi entregue por todos¹²¹, a grande pergunta, portanto, é: como a comunidade dos cristãos vive a Eucaristia, considerando o seu valor comunitário? Ou ainda, a Eucaristia celebrada, partida e comungada “leva-me a sentir todas as pessoas verdadeiramente como irmãos e irmãs?”¹²² É por isso que a Eucaristia deve ser compreendida como dom. Ela é elemento de gratuidade que, celebrada, deve promover, no coração dos homens, os mesmos sentimentos de amor que havia em Jesus. Foi desejo do mestre o de fazer todos conscientes de que são comensais do mesmo banquete que a Trindade, comunhão perfeita, oferece a todos os povos. A Eucaristia, portanto, tem caráter missiológico e impulsiona os discípulos do Senhor a buscarem os marginalizados e trazê-los para o centro.¹²³

O homem tem fome de plenitude e é por isso que por vezes busca de forma egoísta, no mundo, o próprio êxito, esquecendo-se do próximo. Contudo, essa fome só será saciada por Deus. Deste modo, enquanto peregrinos no mundo, os homens são chamados a experimentarem as primícias da satisfação completa através dos sacramentos, como na Eucaristia.¹²⁴

¹²⁰ FRANCISCO. **Os Sacramentos e os dons do Espírito Santo**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019. p. 51.

¹²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1992. p. 443.

¹²² FRANCISCO, 2019, p. 52-53.

¹²³ CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019. p. 138.

¹²⁴ JOÃO PAULO II, 2005, p. 24; MND 20.

Francisco e a Igreja recordam que a fraternidade apresenta-se como fruto da Eucaristia, portanto, na medida em que é celebrada, comungada e vivida. Aos que comungam do maná descido do céu, o Senhor Jesus os reúne na unidade do seu Corpo, como membros vivos. A partilha do mesmo Pão e da mesma fé congrega os fiéis e os estimula a viverem de modo fraterno, reconhecendo que são partícipes e comensais do mesmo banquete.¹²⁵

Mas, e os que não comungam da fé na Eucaristia? Compreende-se que a escola de Jesus não é feita somente de mestres, professores e doutores, antes, é composta por discípulos. Esses, por sua vez fazendo a experiência das núpcias do Cordeiro, são chamados a darem testemunho, com a própria vida, das maravilhas restauradoras que o sacramento faz no mundo. Assim sendo, os cristãos devem ser sinais eucarísticos na luta contra os conflitos e os muros de inimizades que se elevam entre raças, culturas, religiões e classes. Deste modo, reconciliados pela Eucaristia, os cristãos são vocacionados à reconciliação no mundo.¹²⁶

3.4 TESTEMUNHAS DO BEM: SINAIS EUCARÍSTICOS NO MUNDO.

O Concílio Ecumênico Vaticano II resgatou a visão da Eucaristia como a fonte e o cume da vida cristã e da Igreja como um todo. Tanto a Igreja quanto a Eucaristia são entendidas como representações da presença salvífica de Cristo entre nós. Na Igreja Primitiva, ambas eram chamadas de *Corpo de Cristo*, sem nenhum adjetivo. A Eucaristia é, portanto, fundamental para a vida e crescimento contínuo da Igreja, simbolizando e unindo o povo de Deus, animando a construção do corpo de Cristo. Uma abordagem teológica centrada na Eucaristia não apenas esclarece essas verdades, mas também apresenta um impacto significativo no diálogo ecumênico, especialmente com as Igrejas Orientais, onde essa visão continua a ser central na concepção da Igreja.¹²⁷

A essência real é participar de forma plena e consciente no sacrifício eucarístico, pois toda a Igreja, como um todo, espalhada pelos

¹²⁵ GRUPO DE DOMBES. Católicos e protestantes de acordo sobre a Eucaristia. In: LELO, Antonio Francisco (Org.). **Eucaristia: teologia e celebração:** Documentos pontifícios, ecumênicos e da CNBB, 1963-2005. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 752-758. p. cit. 755.

¹²⁶ GRUPO DE DOMBES, 2006, p. 756.

¹²⁷ HORTAL, Jesús. **Os Sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral.** 6. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 106-107.

seus membros, é chamada a estar envolvida nele. Destacam-se, nesse sentido, pessoas que deixaram-se marcar pela Eucaristia, fazendo de suas vidas autênticas páginas do Evangelho, colaborando para a construção da fraternidade. Em palavras ou ações, jovens ou adultos tornaram presente o sinal do Ressuscitado no mundo contemporâneo e o seu desejo de unidade.

3.4.1 Chiara Lubich

Silvia Lubich que adotou, em referência à Santa Clara de Assis, o nome de Chiara, nasceu em Trento em 22 de janeiro de 1920 e faleceu em Rocca di Papa, Itália, em 14 de março de 2008. Após sua morte, uma multidão de milhares de pessoas, desde trabalhadores comuns até figuras políticas e religiosas, dirigiu-se à fundadora do Movimento dos Focolares, para prestar suas homenagens. O funeral ocorreu na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma, mas a grande quantidade de pessoas presentes ultrapassou a capacidade do local, reunindo aproximadamente 40 mil pessoas.¹²⁸

Chiara Lubich, foi mulher e leiga à frente do seu tempo. Impulsionada pelo Espírito Santo, propôs ao mundo temas de diálogos acerca do ecumenismo e da fraternidade universal numa sociedade globalizada, abordados também pelo Concílio Vaticano II. Ela valorizou a vida e buscou compreender o significado do sofrimento. Além disso, ela traçou um caminho de santidade tanto no âmbito religioso quanto no civil, acessível a todas as pessoas, e não apenas a um grupo seletivo.¹²⁹

Na Eucaristia, Chiara encontrou forças para a sua luta pela unidade e pela comunhão, apontado, à luz do Evangelho, que a verdadeira arte de amar se dá na mutualidade:

Amarmo-nos mutuamente de tal modo que mereçamos o dom da unidade. Porque nós não sabemos fazer a unidade. [...] Nós, em nossa experiência, vimos que a unidade é efeito da Eucaristia. É lá que somos realmente deificados,

¹²⁸ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. **Quem é Chiara?** Rocca di Papa, 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.focolare.org/pt/chiara-lubich/chi-chiara/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

¹²⁹ MOVIMENTO DOS FOCOLARES, 2023, não paginado.

que todos nos transformamos em Deus (por participação), que nos tornamos um nele.¹³⁰

Chiara viu, nos gestos de Jesus, os sinais exteriores da Eucaristia como sacramento de unidade. No banquete do Senhor, os cristãos são chamados à sua essência mais profunda: ser corpo de Cristo, buscando a fraternidade, a unidade, a vida, a comunhão com Deus.¹³¹ Se a humanidade e, antes de tudo os crentes, levasse a sério a verdade dos efeitos da Eucaristia, as consequências seriam inimagináveis.¹³² A Eucaristia muda o mundo e se essa consciência de ser um outro Cristo já estivesse sido assimilada, a sociedade estaria transformada.¹³³

Bento XVI, por ocasião da morte da focolarina, descreveu Chiara como uma mulher corajosa em sua fé, uma mensageira gentil de esperança e paz, em sua mensagem. A celebração eucarística de suas exéquias foi conduzida pelo Secretário de Estado, acompanhado por nove cardeais, mais de 40 bispos e centenas de sacerdotes.¹³⁴

3.4.2 Cardeal Van Thuan

O Cardeal François-Xavier Nguyễn Van Thuan, nascido em 1928, foi uma destacada testemunha cristã do século XX. Por não abdicar de sua fé, enfrentou treze anos de prisão no Vietnã comunista. Apesar das condições adversas, dedicou-se a escrever obras que alimentavam a esperança, durante esse período. Após sua libertação em 1988, se estabeleceu em Roma e ocupou cargos importantes no Vaticano.¹³⁵

Van Thuan, mesmo no cárcere, celebrava todos os dias a Eucaristia, de modo escondido, com alguns prisioneiros. O vinho era trazido de forma clandestina, como remédio para o estômago. Com apenas três gotas de vinho e uma de água, colocadas na palma de uma

¹³⁰ LUBICH, Chiara. **A arte de amar**. São Paulo: Cidade Nova, 2006. p. 107.

¹³¹ LUBICH, Chiara. **A Eucaristia**. São Paulo: Cidade Nova, 1977. p. 82.

¹³² LUBICH, 1977, p. 81.

¹³³ LUBICH, 1977, p. 68.

¹³⁴ MOVIMENTO DOS FOCOLARES, 2023, não paginado.

¹³⁵ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **O Cardeal Van Thuân e o significado de seu testemunho**. São Paulo, 27 jun. 2019. Não paginado. Disponível em: <https://www.pucsp.br/fecultura/textos/fe_razao/ocardeal_van_eo_significado.html>. Acesso em: 05 jun. 2023.

mão e na outra, um pedacinho de pão, o sacerdote trazia à prisão a presença de Jesus sacramentado.¹³⁶

As atitudes eucarísticas do sacerdote inspiraram outras pessoas a aderirem ao discipulado de Jesus. Foi o caso das conversões realizadas no período de seu cárcere. Budistas e outros não-cristãos foram atraídos pelas suas catequeses, na força da Eucaristia.¹³⁷

Van Thuan foi uma autêntica testemunha do Ressuscitado. Recordou ao mundo, em especial aos jovens que “Jesus na cruz iniciou uma revolução. A revolução de vocês deve começar na mesa eucarística e daí ser levada para a frente. Assim vocês poderão renovar a humanidade.”¹³⁸ Na simplicidade, o bispo manifestou ao mundo que a Eucaristia nutre, reúne e fomenta a fraternidade.

3.4.3 Beato Carlo Acutis

Carlo Acutis nasceu em Londres, em 1991. Foi um jovem comum, notável por sua proximidade especial com Jesus. Cumpria seus deveres como estudante e filho, além de encontrar tempo para ensinar catecismo, ser voluntário e ajudar os mais pobres. Desde cedo, Carlo demonstrou uma devoção profunda à Eucaristia, considerando-a como o caminho para o céu e um meio poderoso de alcançar a santidade.¹³⁹

O beato buscava viver em constante comunhão com o Senhor e com os irmãos, transformando cada aspecto de sua vida em um testemunho do Evangelho. Ele se esforçava para compartilhar generosamente sua experiência divina com os outros e intercedia para que todos colocassem Deus em primeiro lugar em suas vidas. Apesar de viver uma vida comum, Carlo Acutis dedicou cada momento de sua vida ao objetivo mais elevado: a eterna bem-aventurança com Deus. Faleceu em 2006 e foi beatificado pelo Papa Francisco, em 2020.¹⁴⁰

¹³⁶ THUAN, François-Xavier N. Van. **Cinco pães e dois peixes**: do sofrimento do cárcere: um alegre testemunho. Aparecida: Santuário, 2000. p. 44.

¹³⁷ THUAN, 2000, p. 45.

¹³⁸ THUAN, 2000, p. 46.

¹³⁹ ASSOCIAÇÃO CARLO ACUTIS. **Quem é Carlo Acutis**. Assisi Perugia, 2023. Não paginado. Disponível em: <<http://carloacutis.com/pt/association/chiecarloacutis>>. Acesso em 05 de jun. de 2023.

¹⁴⁰ FRANCISCO. **Papa recorda Carlo Acutis**: enamorado da Eucaristia, viu nos mais fracos o rosto de Cristo. Vaticano, 12 out. 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-carlo-acutis.html>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Para Carlo, quanto mais o homem participa do mistério salvífico da Eucaristia, mais se torna configurado e parecido com Jesus. Reconhecer a presença de Cristo no sublime Sacramento, é sinal concreto de um Deus que permanece com a humanidade. Quanto mais a humanidade reconhece a presença do Verbo encarnado, mais se cresce na participação da redenção e na renúncia dos pecados.¹⁴¹ Carlo foi chamado, pelo papa Francisco, como *apóstolo da Eucaristia*, por promover o sacramento no mundo, principalmente pelas mídias sociais.¹⁴²

3.4.4 Virgem Maria

A Igreja tem a Eucaristia como seu grande tesouro. Junto a ele, está a Virgem Maria, mulher que soube ser toda de Deus e modelo da humanidade. A Mãe de Deus é por excelência pessoa eucarística, porque possui uma profunda ligação com o Santíssimo Sacramento. É por isso que, na vida de Maria, a Igreja é chamada a tomá-la como modelo de relação perfeita com Deus.¹⁴³

Maria recorda sempre à Igreja o caminho que deve seguir. Aponta unicamente para o Cristo de Deus. Na celebração da Eucaristia, a Virgem é aquela que repete aos cristãos aquilo que disse aos serventes nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que ele vos disser”¹⁴⁴. De fato, a Igreja cumpre o mandato do Senhor, ao celebrar a ceia em sua memória.¹⁴⁵ Maria é, portanto, aquela que faz a Igreja acreditar que se o Senhor transformou água em vinho, pode também transformar o pão e o vinho em seu corpo e sangue.¹⁴⁶

Do coração e da boca da pobrezinha de Nazaré, o mundo escuta um *faça-se*, em resposta ao anjo enviado por Deus. Do coração e da boca dos fiéis ouve-se o *amém*, quando se recebe o Corpo de Cristo na Eucaristia. Em suma, o que Maria recebeu no ventre, os crentes recebem ao comungar.¹⁴⁷ O Verbo encarnado manifesta-se de modo físico à

¹⁴¹ FIGUEIREDO, Ricardo. **Não eu, mas Deus**: biografia espiritual de Carlo Acutis. São Paulo: Paulus, 2020. p. 61-63.

¹⁴² FRANCISCO, 2020, não paginado.

¹⁴³ JOÃO PAULO II, 2003, p. 49; EE 53.

¹⁴⁴ Jo 2,5.

¹⁴⁵ 1Cor 11,23.

¹⁴⁶ JOÃO PAULO II, 2003, p. 50; EE 54.

¹⁴⁷ CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, 2019, p. 109.

humanidade. Maria é, deste modo, a primeira a professar a fé na obra redentora de Deus e ensina a humanidade a fazer do mesmo modo.¹⁴⁸

Maria recorda que Deus sacia de bens os famintos,¹⁴⁹ ele dá o seu próprio Filho como alimento para a vida do mundo. A Virgem de Nazaré age de modo solícito e comunal ao dar, também, seu filho ao mundo. Sendo chamada de nova Eva, colabora com a redenção e o reestabelecimento dos laços de fraternidade.¹⁵⁰

A Virgem Maria é, pois, sinal de unidade e congregação da Igreja. Presente em Pentecostes e, certamente na última ceia, exercendo funções específicas da mulher judia, age silenciosamente, colaborando na Eucaristia presidida pelos apóstolos. Na mulher escolhida por Deus, portanto, a Igreja vê a mais bela coroa da obediência à comunhão.¹⁵¹

3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

O chamado à unidade é, sem dúvida, um mandato divino. O próprio Jesus manifestou a vontade do Pai de que todos sejam um. Obedientes à vontade do mestre, os discípulos se mantiveram assíduos ao pedido de Jesus, reunindo-se para encontrarem, na Eucaristia, a fonte da missão.

A Igreja, portanto, desde o período apostólico, reza com insistência, na celebração eucarística, que a comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor torne toda a Igreja um sinal da unidade. Exemplo claro disso é um dos convites, feito pelo ministro, à oração do Pai-nosso, quando evoca: “Antes de participar do banquete da Eucaristia, sinal de reconciliação e vínculo de união fraterna, rezemos, juntos, como o Senhor nos ensinou”¹⁵².

O papa Francisco, assumindo o pontificado num período crítico da sociedade contemporânea, incentiva cada vez mais uma cultura da fraternidade, tanto entre os católicos, como entre aqueles que não o são. Em seu magistério petrino, recorda constantemente que a Eucaristia é fonte primordial de comunhão, rosto visível de Deus.

Assim sendo, a Igreja oferece o sacrifício de Cristo ao Pai, buscando reconciliar o céu e a terra. Ela deseja unir-se a Cristo e tornar-

¹⁴⁸ JOÃO PAULO II, 2003, p. 50; EE 55.

¹⁴⁹ Lc 1,53.

¹⁵⁰ CONCÍLIO VATICANO II, 2011, p. 126; LG 61.

¹⁵¹ COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, 1999, p. 129.

¹⁵² CONGRREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 500.

se um só corpo e uma só alma com ele. A Comunhão sacramental permite ao crente nutrir-se do Corpo de Cristo para tornar-se seu corpo vivo no mundo. A Oração Eucarística, por exemplo, pede a Deus que acolha todos os seus filhos no amor, em comunhão com a Igreja universal e local. Ninguém é esquecido.¹⁵³

Na Igreja, não faltam testemunhas que, com autenticidade, manifestaram com suas vidas uma verdadeira catequese eucarística. Conscientes de que não podem viver isolados, cristãos como Chiara Lubich, Carlo Acutis, Van Thuan e a Virgem Maria – por excelência – souberam haurir da Eucaristia a fonte da comunhão fraterna. A Eucaristia é puro dom e, conseqüentemente, convida a humanidade a doar-se do mesmo modo, para que todos se tornem um só corpo e um só espírito.¹⁵⁴

¹⁵³ FRANCISCO, 2018, p. 59-60.

¹⁵⁴ Ef 4,4.

CONCLUSÃO

A liberdade é um dom de Deus dado à humanidade. No entanto, os primeiros pais da humanidade abusaram desse dom ao desobedecerem a Deus, prejudicando sua relação filial com o Criador. Como resultado, o pecado também afetou os laços horizontais entre as pessoas, especialmente na esfera social e fraterna. O fratricídio de Caim, ao matar Abel, com violência agravou ainda mais a ruptura nas relações humanas.

Apesar disso, Deus deseja que todos os seres humanos vivam no amor, como pessoas e não como indivíduos isolados, de acordo com sua identidade original. Ao longo do primeiro capítulo viu-se que Deus, em sua misericórdia, decidiu restaurar todas as coisas, incluindo os laços de relações, por meio de seu Filho. Jesus lidera toda a criação e, ao resgatar a humanidade, também resgata a identidade da pessoa, ensinando o verdadeiro caminho da filiação e da fraternidade. Seguindo a promessa feita ao povo da Aliança, Deus enviou o Salvador a Israel, que assumiu um nome, um rosto e se tornou participante da vida humana: Jesus Cristo, de Nazaré.

O leitor pôde compreender, no segundo capítulo, que a Eucaristia é um dom de Deus oferecido à humanidade, em que os fiéis são chamados a participar com autêntica comunhão na presença real de Cristo ressuscitado, que se sacrificou pelo mundo. Os últimos pontífices enfatizaram o valor da Eucaristia para a Igreja e como ela educa os fiéis. Na celebração eucarística, o povo de Deus atualiza o mistério redentor do Senhor, alimentando-se do corpo e do sangue de Cristo para a vida daqueles que creem.

Seja nas basílicas e catedrais ou nas comunidades missionárias, todos compartilham do mesmo grande mistério do amor de Deus. A Igreja, em sua celebração trinitária, oferece Cristo ao Pai, pelo Espírito Santo. Através desse augustíssimo sacramento, o povo cresce em unidade e comunhão eclesial, promovida e preservada pelos ministros ordenados.

Por fim, o terceiro capítulo buscou apresentar que existe um apelo cada vez mais claro pela paz, unidade e comunhão no mundo. Assim como seus antecessores, o Papa Francisco busca incansavelmente promover a fraternidade, tanto entre os que pertencem à Igreja quanto àqueles que estão fora dela. Ele compreende e exorta que a Eucaristia é uma profunda e eficaz escola para o restabelecimento dos laços de fraternidade que o mundo ferido tanto necessita. A Eucaristia santifica, educa e direciona a missão de testemunhar o Cristo vivo no mundo secularizado.

O chamado à unidade é um mandato divino expresso por Jesus, que deseja que todos sejam um. A Eucaristia, deste modo, é a fonte da missão e um sinal da unidade da Igreja, na qual os discípulos se reúnem obedecendo ao pedido de Jesus. Desde os tempos apostólicos, a Igreja reza pela comunhão e pela reconciliação na celebração eucarística.

O Papa Francisco, em seu pontificado, promove uma cultura da fraternidade, tanto entre os católicos quanto entre aqueles que não o são. O pontífice enfatiza que a Eucaristia é a fonte primordial de comunhão e o rosto visível de Deus. Ainda, tendo em vista o que foi apresentado, existem inúmeras testemunhas na Igreja, dentre elas Chiara Lubich, Carlo Acutis, Van Thuan e a Virgem Maria, por excelência, que viveram autenticamente uma vida eucarística, encontrando no sublime sacramento a fonte da comunhão fraterna.

Procurou-se, neste trabalho, realizar uma pesquisa bibliográfica, abordando temas teológicos e sociais da atualidade, a fim de enriquecer o conhecimento e alcançar alguns dos diferentes campos a que a teologia pode acessar. Tal pesquisa realizou-se, também, com o sentido de servir como auxílio à sociedade, em sua mais plural identidade de culturas, raças e línguas. Espera-se que a relevância e experiência de pesquisa deste trabalho, assim como foram para o pesquisador, colaborem de forma rica e esperançosa na vida do leitor.

Tendo em vista o que foi apresentado, cumpriram-se os objetivos propostos, sendo respondidos mediante as pesquisas. No entanto a pesquisa não se dá por encerrada. Há novos temas a serem abordados e pesquisados, levando em conta a característica existencial da pessoa humana e seu chamado à uma vida eucarística, como, por exemplo: como a Eucaristia é vivida, hoje, nas comunidades cristãs; qual o empecilho de tantas culturas em seguirem caminhos de uma fraternidade universal; o mistério da encarnação como dado fundamental para a Eucaristia e a fraternidade; a escola de Francisco como meio de acolhida dos afastados; a sagrada comunhão aos excluídos e a universalização da cultura da indiferença por parte da sociedade e dos crentes.

Desta forma, cumpre-se o objetivo estabelecido para esta pesquisa, ao compreender o chamado do ser humano à fraternidade como fruto da Eucaristia, à luz do magistério do papa Francisco.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CARLO ACUTIS. **Quem é Carlo Acutis**. Assisi Perugia, 2023. Não paginado. Disponível em: <<http://carloacutis.com/pt/association/chiecarloacutis>>. Acesso em 05 de jun. de 2023.

BENTO XVI. **Carta Apostólica *Sacramentum Caritatis***. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CANTALAMESSA, Raniero. **IV Pregação da Quaresma**: texto integral. Vaticano, 05 abr. 2019. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-04/ranierocantalamezza-quarta-pregacao-quaresma-2019.html>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **Eucaristia, sacramento de vida nova**. Trad. Clemente R. Mahl. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium***. 23. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes***. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Constituição *Sacrosanctum Concilium***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB, 2008.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, XVIII. **Texto-base do XVIII Congresso Eucarístico Nacional**. São Paulo: Paulus, 2019.

DENZIGER, Henrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.

DIDAQUÉ: O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje: Paulus, 1989.

FIGUEIREDO, Ricardo. **Não eu, mas Deus**: biografia espiritual de Carlo Acutis. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. **A santa Missa**. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. **Carta Apostólica *Desiderio Desideravi***. São Paulo: Paulus, 2022.

_____. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **Catequese sobre a carta aos Gálatas**: Cristo nos libertou. Vaticano, 06 out. 2021. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/document/s/papa-francesco_20211006_udienza-generale.html>. Acesso em: 20 mar. 2023.

_____. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Brasília: CNBB, 2013.

_____. **Os Sacramentos e os dons do Espírito Santo**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. **Papa recorda Carlo Acutis**: enamorado da Eucaristia, viu nos mais fracos o rosto de Cristo. Vaticano, 12 out. 2020. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-carlo-acutis.html>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GRUPO DE DOMBES. Católicos e protestantes de acordo sobre a Eucaristia. In: LELO, Antonio Francisco (Org.). **Eucaristia: teologia e celebração**: Documentos pontifícios, ecumênicos e da CNBB, 1963-2005. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 752-758.

HORTAL, Jesús. **Os Sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

JAGURABA, Mariangela. **O Papa**: individualismo e fechamento infestam o mundo, o bem comum em primeiro lugar. Vaticano, 17 fev. 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/papa-francisco-empresarios-mexicanos-individualismo-bem-comum.html>>. Acesso em: 15 de mai. 2023.

JEAN-MARIE R. TILLARD. Teologia voz católica: a comunhão na Páscoa do Senhor. In: BROUARD, Maurice (Org.). **Eucaristia**: Enciclopédia da Eucaristia. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 2006. p. 521-574.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine***. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia***. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Carta Encíclica *Evangelium Vitae***. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. **Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***. São Paulo: Paulinas, 1988.

JULCI S. BECKER. Gabriel Marcel e a intersubjetividade participativa na relação eu-tu. In: SILVA, Claudinei A. de Freitas (Org.). **Encarnação e transcendência**: Gabriel Marcel, 40 anos depois. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013. p. 114-125.

LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. 4. ed. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 2010.

LUBICH, Chiara. **A arte de amar**. São Paulo: Cidade Nova, 2006.

_____. **A Eucaristia**. São Paulo: Cidade Nova, 1977.

MARCO AQUINI. Fraternidade e direitos humanos. In: BAGGIO, Antonio Maria (Org.). **O princípio esquecido**: a fraternidade na reflexão atual das ciências políticas. Trad. Durval Cordas, Iolanda Gaspar e José M. de Almeida. São Paulo: Cidade Nova, 2008. p. 127-151.

MARINI, Piero. **Presidir a celebração da Eucaristia: ars celebrandi**. Trad. Ricardo Farias. Brasília: CNBB, 2018.

MELITÃO DE SARDES. **Da homilia sobre a Páscoa**: o Cordeiro imolado libertou-nos da morte para a vida. In: Liturgia das Horas. São Paulo: Vozes, 2000.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES. **Quem é Chiara?** Rocca di Papa, 2023. Não paginado. Disponível em: <<https://www.focolare.org/pt/chiara-lubich/chi-e-chiara/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

NODARI, Paulo César. **Casa comum ou globalização da indiferença?** Ensaios sobre ecologia integral, fraternidade, política e paz. São Paulo: Paulus, 2022.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Mysterium Fidei***. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **O Cardeal Van Thuân e o significado de seu testemunho**. São Paulo, 27 jun. 2019. Não paginado. Disponível em: <https://www.pucsp.br/fecultura/textos/fe_razao/ocardeal_van_eo_significado.html>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PRIBERAM. **Dicionário online de português**. Não paginado. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/perseidade>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

RIBEIRO, Hércion. **A condição humana e a solidariedade cristã**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RUBIO, Afonso García. **Unidade na pluralidade**: o ser humano à luz da fé e das reflexões cristãs. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SILVA, Gil Alfredo da. **Ecce Homo**: Jo 15,5b. A expressão do homem bíblico. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2014. p. 89-90. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.14/15435>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SILVA, Rafael Aléx Lima da. (2022, maio). **Sinodalidade e Liturgia**: ensaio ritual simbólico. Comunicação oral apresentada no Simpósio Teológico da Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis.

THUAN, François-Xavier N. Van. **Cinco pães e dois peixes**: do sofrimento do cárcere: um alegre testemunho. Aparecida: Santuário, 2000.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1988.

ZIZIOULAS, Ioannis. **A criação como eucaristia**: proposta teológica ao problema da ecologia. Trad. José A. Besen. São Paulo: Mundo e Missão, 2001.

_____. **A criação e Reino de Deus**. Trad. Vitor G. Feller. São Paulo: Mundo e Missão, 2003.